

RUTH
MANUS

Pega Lá
uma
Chave
de
Ferro

E OUTRAS DIVAGAÇÕES
SOBRE O AMOR ♥

Benvirá



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a Obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.com](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



RUTH
MANUS.

Pega Lá uma Chave de Fenda

E OUTRAS DIVAGAÇÕES
SOBRE O AMOR ♥

Benvirá



Rua Henrique Schaumann, 270
Pinheiros – São Paulo – SP – CEP: 05413-010
PABX (11) 3613-3000

SAC

0800-0117875

De 2^a a 6^a, das 8h30 às 19h30

www.editorasaraiva.com.br/contato

Diretora editorial	Flávia Alves Bravin
Gerente editorial	Rogério Eduardo Alves
Planejamento editorial	Rita de Cássia S. Pupo
Editoras	Débora Guterman Lígia Maria Marques Paula Carvalho Tatiana Vieira Allegro
Assistente editorial	Lara Moreira Félix
Produtores editoriais	Alline Bullara Amanda Maria da Silva Deborah Mattos Daniela Nogueira Secondo Rosana Peroni Fazolari William Rezende Paiva
Comunicação e produção digital	Mauricio Scervianinas Nathalia Setrini Luiz
Suporte editorial	Juliana Bojczuk
Produção gráfica	Liliane Cristina Gomes
Preparação	Augusto Iriarte
Revisão	Laila Guilherme Monalisa Neves
Capa e projeto gráfico	Phellipe Wanderley
Diagramação	Balão Editorial
Adaptação para eBook	Hondana

ISBN 978-85-8240-277-1

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
ANGÉLICA ILACQUA CRB-8/7057

Manus, Ruth

Pega lá uma chave de fenda : e outras divagações sobre o amor / Ruth Manus. – São Paulo : Saraiva, 2015.

136 p.

ISBN 978-85-8240-277-1

1. Crônicas brasileiras 2. Amor 3. Amizade 4. Relacionamentos 5. Internet 6. Família I. Título

15-0796 CDD B869.93
CDU 82-94(81)

Índices para catálogo sistemático:
1. Crônicas brasileiras

Copyright © Ruth Manus, 2015
Todos os direitos reservados à Benvirá,
um selo da Saraiva Educação.
www.benvira.com.br

1ª edição, 2015

Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida por qualquer meio ou forma sem a prévia autorização da Editora Saraiva. A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei nº 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

547.919.001.001

À Dona Rita de Cassia Olivier Moreira.
Minha avó, minha Dó, minha paixão desmedida.
Representação mais genuína do amor, da fé na vida
e da positividade.

agradecimentos.

Aos meus pais, Maró e Pê: é tudo para vocês, é tudo por vocês, é tudo fruto de vocês.

Aos meus irmãos: Ninoca, meu porto mais do que seguro e grande causadora disso tudo. Pajé, minha paixão, minha sina. Giu, minha harmonia, meu ponto de encontro.

Aos meus cunhados: Luís, amor puro. Lê, inspiração pura. Guido, solidez pura.

Às minhas sobrinhas: Rita, a garota mais incrível do mundo. Luísa, luz dos meus olhos.

Aos meus tios: Rê, my first, my last, my everything. Henrique, presença certa do afeto mais sincero. Ruth, imbatível tia-mãe. Adelia, que me inspira a voar. Aos meus tios anexos, pelo amor e pela torcida sempre.

Aos meus primos Ju, Bia, André, Mathias e João. Irmãos de coração.

Aos amigos que sempre foram pilares, que sempre foram lar em forma de rostos, que sempre foram incentivo alegre, cobrança boa. Vocês sabem quem são e o quanto fazem parte disso.

À Nega, por ser minha inspiração diária de força e por me incentivar a fazer tudo o que ela não teve tempo de fazer. Sei que você está sempre por perto.

À Maria, por ter me criado como sua e ser só amor.

Ao meu Filipe, por incentivar tudo, por ser parceiro, por me olhar com orgulho com aqueles olhos tão azuis, pelos quais me

encanto cada dia mais. Por manter mais viva do que nunca a minha fé no amor.

Ao Bovo, que me viu quando eu era invisível até pra mim mesma.

Ao Zé Couto Nogueira, por me ensinar o mundo que sabe com uma leveza incomparável.

Ao Mario Prata, por se tornar um amigo improvável, um guru.

Ao Gregorio Duvivier, por ser inacreditavelmente gente fina e porque eu nunca pude imaginar que uma fã pudesse se tornar, de fato, uma amiga.

À Paula, à Luiza e à Débora, que apostaram em mim e pagaram pra ver. Por nunca me tratarem só com a atenção que merece uma autora, mas com o carinho que merece alguém a quem se quer bem.

À Deborah, ao Victor e ao Phellipe, por transformarem letrinhas soltas em um livro lindo.

A Portugal, por me receber tão bem nos meses de gestação e do parto de cada um destes textos.

Ao meu Deus, que é o cara mais bacana do universo, por me presentear com essa vida tão linda e cheia de sentido.

apresentação

Eu não posso apresentar o livro. O livro só se explica se eu apresentar uma história.

Era uma vez uma moça. Gente fina e cheia de coisa errada, que nem quase todo mundo. Vivia no mundo glamouroso do FGTS, do adicional de insalubridade, da estabilidade do dirigente sindical, do décimo terceiro salário, às vezes como a advogada de barriga no balcão, às vezes como a professora de roupa preta suja de giz.

Desabafava algum humor e alguma melancolia em pobres posts em redes sociais. Um dia, nos inacreditáveis acasos da vida, foi descoberta por um cara bacana de um baita jornal. Ele deve ter bola de cristal, porque apostou no nada, verdadeiro tiro no escuro. Um mês depois, a moça tinha um blog, e o turbilhão começou. Escrevia o que dava na telha e, por vezes, descobria que era a mesma telha que cobria a casa de muita gente. A coisa foi mais do que rápida, e a digestão ainda está em curso.

Nem dois meses depois de o blog ir ao ar, perambulava por Lisboa em uma noite de verão, depois de um monstruoso prato de comida indiana, ao lado do cara que a apoiou e apoia em cada passo dessa história, quando o celular tocou. Era a irmã, dizendo que tinha uma editora procurando por ela. Coração foi à boca.

Um mês depois, a única pergunta que a moça se fazia, de quando acordava até a hora de dormir, era: “Será que eu dou conta de escrever um livro? Será que não é cedo demais? Será

que eu não vou meter os pés pelas mãos?”. Concluiu que a sorte não bate duas vezes à mesma porta. Encarou.

Ela fez seu melhor e pede desculpas por qualquer coisa.

O livro é todo de amor. É só amor, na verdade.

Espero que dê pra sentir.

sumário

PREFÁCIO

O AMOR NOS TROPEÇOS

Foi mal, te chamei de amor

Senha

Prenúncio

A triste história do homem que cozinhava melhor do que devia

É da casa do Andrade?

O AMOR NOS EQUÍVOCOS

Água

Teu cu

Ansiedade

O mito (Drummond bem que me avisou)

Troika

O AMOR NOS ESPAÇOS

Silêncio

Voo 2271

Quem você ama com seu carrinho de supermercado?

Coisa boa

Desembarque pelo lado esquerdo do trem

O AMOR NOS SUJEITOS

A coisa mais bonita do mundo

Otorrinolaringololinda

O livro de receitas

Tia, você é tão bonita

Oi, ex, como vai? (Versão B)

O AMOR NOS CLICHÊS

Te esperei a vida toda

Mil (ou vinte e duas) formas de te amar

Mã-nhêêê

Quantos abraços cabem num prato de canja?

O pedido

O AMOR NOS TEMPOS

Amo tanto quem você era

Carta ao filho hipotético

Vem que a tarde tá caindo

Queria mesmo era um amor antiquado

Soneto das 23h30

O AMOR NAS PERDAS

A caneta do avô e o cheiro da tangerina

Querido Oswaldo

Urina

Descarte

Tem lasanha no céu, Nega?

O AMOR NAS DATAS

Te encontrei numa esquina imunda de carnaval
O dia do (suposto) fim
Os meses
Um feliz aniversário e que você vá à merda
Correio elegante

O AMOR NOS PRATOS

Tarte tatin à Paris
Prazeres
Procura-se um amor que goste de cebola
É o puro creme do milho
Eu, você e um sanduíche de pernil

O AMOR NOS OBJETOS

Tapetinho
Para que serve um terço?
Hoje não, eu vim sem dentadura
Quadro de carreira
Pega lá uma chave de fenda

prefácio

Amor: não existe tema mais difícil no mundo. Talvez por isso a gente fuja dele como o diabo foge das sessões de descarrego. Às vezes, parece que o amor, assim como o mimeógrafo e o teletrim, não serve mais pra nada nesse mundo de WhatsApp e impressora 3D. O amor parece que vai ser lembrado como a sífilis e a tuberculose: uma doença do século XIX gloriosamente erradicada pela medicina – e pelo uso do preservativo. No século XX, o amor ficou escondido nas agendas de adolescente e nas páginas da *Capricho*. Com o fim das agendas e da *Capricho*, o amor parece ter sumido de vez.

Eis que surge a Ruth. Este livro que você tem em mãos é inteirinho sobre o amor – em todas as suas formas, cores, idades e signos. Ruth, advogada trabalhista e professora de direito internacional, escreve com coragem de advogada e propriedade de professora. Prova por A mais B que o amor não prescreveu – está mais vivo do que nunca. O amor não poderia ter advogada melhor – estou convencido de que ele merece anistia ampla, geral e irrestrita. Mais do que isso: merece ser indenizado por tudo de ruim que já falamos dele.

Como Ruth consegue falar tão bem de amor, eu não sei. Talvez ela tenha amado mais que todos nós. Mas suspeito que seja porque Ruth é, acima de tudo, hilária. Amor e humor. Que dupla. Com humor, o amor fica mais leve. E com amor, o humor fica mais terno. Leveza e ternura. O que você quer mais?

Lindo é terminar o livro e ver que, ao contrário do teletrim, o amor ainda tem mil e uma utilidades. Se você estiver apaixonado, vai ficar ainda mais. Se não estiver, vai se apaixonar pelo primeiro que aparecer. Aconteceu comigo. Estou apaixonado por este livro.

Gregorio Duvivier

O AMOR

NOS

tropelcos

foi final,
te chamei
de amor

Era um relacionamento moderno. Daqueles em que se ama tão desesperadamente quanto na década de 20 – ou ainda mais –, mas finge-se que não, para evitar a fadiga.

Cada um tinha sua vida: trabalho, ócio, casos, erros, conta bancária, agenda de domingo. Mas se viam, se gostavam, se esperavam e esperavam um do outro. Porém, havia a regra suprema, sublime e subentendida: não haveria amor.

Num final de semana sem importância, resolveram, com a displicência inerente a tal relação, pegar a estrada. Foram. Pararam onde lhes pareceu simpático. Desceram as bolsas, ocuparam um quarto com cama digna de mostruário de cama, mesa, banho e luxo.

Riam, implicavam um com o outro, jogavam conversa fora, tomavam cerveja, faziam sexo sem filtros, adormeciam abraçados, não percebiam o que não queriam perceber.

Acordaram da soneca estendida. 20h26. Chuveiro, sapatilha, chinelo de couro. Ela disse “vamos?”, ele foi para a porta, ela ainda precisava passar um perfuminho, pegar uma *pashmina*. Ele bufou. Ela resmungou da bufada. E nem assim assumiam que era amor.

Ocuparam uma mesa de canto. Ela pediu o que ele chamava de “suco de confusão” – porque ela gostava mesmo era de abacaxi com hortelã, mas o abacaxi atacava a gastrite, então pedia melancia com hortelã, e garçom nenhum estava preparado para isso. Problema, na certa. Ele, ainda sonado, pediu o mesmo, mas com bastante gelo.

Foi então que aconteceu. Ele falava sobre o carro novo do irmão enquanto rasgavam pãezinhos mornos para mergulhar no azeite. Ela alertou “cuidado para não pingar na calça nova”, ele seguiu discorrendo sobre o valor da entrada na concessionária, quando a gota de azeite caiu em câmera lenta em direção à perna direita do tecido cáqui.

Ela, numa fração de segundo, pegou o guardanapo, friccionou na futura mancha e lamentou: “Amor, eu te avis... CARALHO. (Três segundos.) Caralho. (Largou o guardanapo, levou a mão esquerda à lateral do rosto, olhou para a parede,

suspirou.) Te chamei de amor. (Susto.) E NÃO TÔ BEBENDO. Puta merda. (Não com a cabeça.) Foi mal”.

Ele riu. Não por achar graça, mas porque rir às vezes funciona. Não funcionou, o clima pesou. Terminaram o jantar, caminharam um pouco na noite quente, falando sobre a calvície de um conhecido em comum e outras amenidades.

Ele propôs que se sentassem num bar. Sauvignon Blanc. Taças. Garrafas, no plural. Foi, foi, foi. Saíram de lá pisando em favos de algodão. Ela disse “foi mal”. Ele não entendeu. “Foi mal, te chamei de amor.” Ele “ah... é mesmo. Sei lá. Acha que vai dar merda?”. “Se for dar, já deu.”

Pausa. Abriram a porta do quarto. Ela se jogou na cama de comercial. Ele abriu a janela, acendeu o abajur.

“Mas acho que te chamar de amor não tem nada a ver com amar e tal. É só um... adjetivo. Pronome de tratamento. Sei lá que merda, mas é só gramática. Não é sentimento... Não acha?”

“É. Pode ser. Melhor assim. A gente era um lance. Agora é um lance com gramática.”

Escovaram os dentes para não quebrar o protocolo. Ele colocou uma garrafa de água em cada mesa de cabeceira. Hábitos. Ela pegou a camisola florida na bolsa. Levou aquela porque sabia que era a preferida dele. Ajeitaram-se na cama, mais abraçados do que nunca. Quase embutidos.

“Boa noite. Amor. Já que tá liberado.” Riram. “Boa noite, *meu* amor.”

Ele beijou a testa dela.

Claro que não era amor. Era só gramática.



SENHA 462 – GUICHÊ 03

Ela olhou para o painel, olhou para a própria senha, murchou os ombros. Ele olhou para o painel, olhou para a própria senha, afundou no sofá.

SENHA 463 – GUICHÊ 05

Ela subiu os olhos para o painel. Dessa vez, viu o homem de camisa azul-clara. Ele jogou o pescoço para trás, amassando o colarinho. Ficou olhando a lâmpada OSRAM.

SENHA 464 – GUICHÊ 07

Ela confirmou o número da sua e olhou para ele outra vez.

Ele tentou olhar para o painel, mas a viu antes. Ela percebeu.

SENHA 465 – GUICHÊ 04

Ela arrumou o cabelo que já estava arrumado.

Ele olhou para ela e depois para o painel. Prioridades.

SENHA PREFERENCIAL A22 – GUICHÊ 01

Ela subiu os olhos devagar até ele.

Ele não desviou.

SENHA 466 – GUICHÊ 07

Ela deu um sorriso sem mostrar os dentes.

Ele sorriu e arqueou as sobrancelhas.

SENHA PREFERENCIAL A23 – GUICHÊ 01

Ela olhou para o painel e para o relógio. Não viu as horas.

Ele sentiu-se frustrado.

SENHA 467 – GUICHÊ 02

Ela olhou diretamente para ele, balançou a senha suspirando, riu.

Ele foi surpreendido. Imitou-a, riu. Riram um para o outro.

SENHA 468 – GUICHÊ 03

SENHA 468 – GUICHÊ 03

SENHA 468 – GUICHÊ 03

SENHA 468 – GUICHÊ 03

SENHA 469 – GUICHÊ 03

Ela levantou, passou por ele, “dia de sorte”, foi para o guichê 03.

Ele sentiu o cheiro dos cabelos dela.

SENHA 470 – GUICHÊ 04

Ela, de costas, preocupava-se se parecia bem de costas.

Ele admirava as costas, livre de qualquer necessidade de disfarçar.

SENHA 471 – GUICHÊ 07

Ela passava a mão na nuca.

Ele já nem sabia onde estava.

SENHA 472 – GUICHÊ 04

Ela termina. Vira-se esperando que ele ainda esteja lá. Está.

Ele a espera com os olhos.

SENHA PREFERENCIAL A24 – GUICHÊ 01

Ela passa por ele sorrindo de canto. Diz um “tchau” quase mudo, quase doce.

Ele, desarmado, acompanha-a com o pescoço.

SENHA 473 – GUICHÊ 02

Ela passa pela porta.

Ele pensa em ir atrás dela. Pensa na senha. Olha para o painel: 473. Olha para a própria senha: 468. Joga o papel no sofá e vai.

prelúdio

Quando ele entrou, cheio de casaco e borogodó, eu já sabia: ia dar merda.

Não. Não vai dar, não. Tento me convencer, me controlo, mantenho as rédeas, seguro a onda. Sei lidar muito bem com essas situações. Jogo o cabelo pro lado, cruzo a perna, rio um riso mudo, pisco sem pressa.

Domino esta arte de disfarçar o encantamento e encantar disfarçadamente.

Movimentos de pescoço que parecem ser fruto da brisa que não há, lábios que simultaneamente são umedecidos por um princípio cor-de-rosa de língua e esboçam um sorriso unilateral.

Estou tranquila. Ele pode lançar quantos olhares quiser. Pode sentar por perto. Acho ótimo, é quase uma dança. Estou tranquila, jogo bem esse jogo.

Sei fingir que estou à vontade, que não estou preocupada com a vista que ele tem do meu perfil que tanto detesto. Mexo nos cabelos outra vez. Procuro nada na bolsa. Olho para as unhas que estão sempre lá.

E então ele vem. Caminha sem formalidades, me olha com persistência, me dirige três ou quatro palavras tão bem escolhidas.

Na minha cabeça, ecoava: “Não olhe para a boca, não olhe para a boca, não olhe para a boca”. É um mantra emergencial para não cair na tentação de perder o controle. E é um sinal de que não adianta mais ficar simplesmente alerta.

Respondo evasiva, sugando de dentro de mim meu melhor ar de serenidade-semi-indiferença. Viro os olhos por cima do globo, encolho os ombros e sorrio para ficar tudo bem nonsense. Faz parte do ritual.

Ele continua a conversa. E eu, que para fugir da boca foquei os olhos, me lasquei. Era um indecente par de olhos azuis, com algum amarelo no centro, que soltava faísca contra os meus.

Que jeito? “Não olhe para a boca nem para os olhos, não olhe para a boca nem para os olhos.” Fixei-me no farto cabelo, cor de mel de urze.

Já não ouvia patavinas do que ele dizia. Desci da raiz do cabelo até a orelha, da orelha até o pescoço. Que erro. Que erro. Sentia o cheiro do pescoço, que era de sofá bom, de carne vermelha, de fruta verde.

Volta, Ruth, volta. Pego parte do que ele dizia; era sobre o gim. Olho para o copo, sorrindo desnorteada, confirmando com a cabeça sei lá o quê. O copo estava na mão. Reparo na mão. Não, Ruth, pare. Pare já, nem pense no que você está pensando.

Talvez seja o caso de recorrer ao ar de moça tímida, último recurso, lanterna dos afogados. Ele pergunta se quero provar o gim, estico o braço devagar, tentando alcançar a parte do copo mais distante daquelas mãos brancas, dado o caos que se instaurou.

Levo o copo de pé com fatias de pepino boiando no gim à boca.

Meu Jesus Cristo.

Que que é isso? Socorro, Jesus Maria José. Como é ruim. Que gosto medonho, que porcaria. Credo, como alguém paga pra beber isso? Pela madrugada. Por um instante, todo aquele amargor me invade e esqueço do homem, da interpretação, da pose e do semblante. Faço uma careta, balbucio um “argh”, olho para o chão, pisco sete vezes. Balanço a cabeça como um cão que sai do mar.

Volto desarmada. Subo os olhos e passo
pelas mãos,
pelo casaco escuro,
pelo ombro firme,

pelo pescoço,
pela boca proibida por tantas regras
e chego aos olhos claros que me esperavam sorrindo,
visivelmente encantados pela única parte que não foi dosada,
domada, nem premeditada.

Sorriu. Sorrimos. Deu merda. Não se foge do destino.

a triste
história do
homem que
cozinhou
melhor do
que devia

Não era, definitivamente, um homem de se jogar fora. Trinta e alguns, peitoral definido, concursado, cabelo jogadinho. O típico homem que, se ficou disponível para casar até então, deixa a pulga atrás da orelha.

Saía com muitas mulheres. Buscava em casa, pagava a conta, dizia falsamente que deixaria que elas pagassem a próxima. Vestia-se bem, de modo geral. As camisas eram meio justas no tal peitoral definido, o que não transmitia um ar muito inteligente, mas a situação melhorava quando ele começava a falar sobre história do rock, que aprendera com a mãe, e cultivo de orquídeas, paixão do finado avô paterno.

Corria o boato de que tinha um beijo fantástico. Sem muita baba, sem muita pressa. Os dentes, aliás, eram um primor; grandes, harmônicos e luminosos. Assim como seu carro, grande, cheio de luzes e perfeitamente adequado ao seu jeito imponente. Grande também era uma outra coisa, para afastar dúvidas quanto a este assunto de inegável importância.

Talvez o fato de nenhuma mulher sossegar ao seu lado se devesse a um mau gênio, já que o sorriso de comercial evidenciava que por mau hálito não seria. Não era. Ficamos sabendo que era sossegado, sem surtos de ciúmes, nem chiliques por pequenos atrasos, tampouco aversão a lugares cheios de gente.

O que, então, poderia deixar aquele homem fantástico na eterna busca por uma companheira?

A resposta não estava na cara, nem na mente, nem na cama, nem no coração. Estava naquelas duas mãos com uma assombrosa vocação para a cozinha. E ele adorava o dom recebido, não se sabe bem se por acaso ou por herança genética (já que seu tio era conhecido em Lindoia como o Rodrigues Panela de Ouro).

Sabendo-se um cozinheiro encantado, não tardava a convocar a moça da vez para jantar em sua casa. Eram massas, carnes, peixes, risotos e doces de tirar o fôlego, regados com vinho escolhido por quem era íntimo das uvas.

Esse jantar, na concepção dele, era o auge. A cartada final. Overdose de qualidades que resultaria em arrebatadora paixão. Era exatamente aí que se enganava.

As moças chegavam. Deslumbramento certo ao ver aquele homem com pano de prato no ombro controlando o ponto do risoto enquanto preocupava-se em colocar mais vinho no copo da visita. Ao mesmo tempo que ralava o *Parmigiano-Reggiano*, falava sobre sua dor adolescente na morte de Kurt Cobain.

Tudo ia muito mais do que bem.

Até que se sentavam à mesa. Ele servia o prato da moça (às vezes bem moça, outras nem tão moça). A primeira garfada era como uma viagem. Elas saíam dali. Da mesa à meia-luz, do apartamento moderninho, do bairro nobre, da cidade caótica, do país em desenvolvimento, do planeta ameaçado. Iam sabe Deus até onde.

Era realmente inexplicável. O sabor de cada garfada era assombrosamente bom. Elas não conseguiam parar, não conseguiam olhar para ele, não conseguiam continuar a conversa. Mais do que talento, parecia bruxaria.

Os pratos ficavam limpos, sem uma cebolinha para contar história. Todas iam até o final: a mais magrinha, a mais enjoada, a que fazia dieta Dukan, a que estava com a garganta inflamada. Terminavam tão desnorteadas como quando haviam começado.

Ele tirava os pratos. Impecável. Levava-as para a varanda com as taças cheias mais uma vez. Tirava a mecha de cabelo da frente do rosto delas, deslizava a mão até a nuca. Beijava-as. Normalmente ao som de “Everything”, do Michael Bublé. Era o golpe da morte. Dele.

Depois daquele jantar, daqueles temperos, daquela viagem... aquele beijo. Aquele beijo que se tornava tão pequeno. Sem sabor, sem emoção. Aquele homem, que era lindo, comparado com a lembrança daquele prato, era tão pouco. Tão oco. O toque das suas mãos já não fazia sentido. Seu sorriso, seus dentes claros. Nada.

Elas abaixavam a cabeça e sorriam falsamente para as tábuas de madeira. Sempre igual. O clima acabava ali. E as histórias, alguns minutos depois.

Dizem que até hoje ele não entendeu e segue mais vítima das próprias mãos do que qualquer suicida por aí.

é da casa
do. andrade?

(Voz de homem:)

– Alô, é da casa do Andrade?

(Voz de mulher, docemente rouca, com sonoro sotaque do sul de Minas, terminando as palavras na penúltima sílaba:)

– Não é, não, senhor. O senhor deve ter discado o número errado.

– Desculpe. Para que número eu liguei?

(Percebe-se então que a moça tem um problema de dicção toda vez que há consoante antes do R.)

– 644341343.

(Sente-se a pausa de dúvida.)

– Desculpe. A senhora pode repetir?

– 644341343.

(Silêncio do outro lado da linha. Ela estranha e diz:)

– Alô?

– ...Lorena?

(Silêncio. Ele não se surpreende que ela tenha se assustado, já que ele mesmo ainda está assustado com a possibilidade de estar certo.)

– Quem tá falando?

– Eduardo Mendes.

– Meu Deus.

(Pausa longa.)

– É você mesmo, Lorena?

(Suspiro.)

– ...Sou. Meu Deus... Como você conseguiu meu telefone?

– Não consegui. Eu tentei ligar pro Andrade, 644341373. Errei.

– Meu Deus. Eduardo... Como pode? Que loucura. Faz quanto tempo? Doze, quinze anos?

(Sem titubear.)

– Treze.

– Como você está?

– Bem. Bem. Você?

– Bem também.

– Esse número é de São Paulo. Você tá morando aqui?

– Tô. Vim há sete anos. Casei com um paulista. Tive o Zé, que tá com três anos. Separei. Tô aqui.

– Não acredito. Eu também tenho um Zé. Vai fazer quatro no mês que vem.

(Riem, desmanteados com todo o contexto.)

– Que coincidência. Dois Zés. (Hesita.) Você é casado, imagino.

– Assino o divórcio hoje à tarde. O Andrade é um amigo que está advogando pra mim nessa confusão toda.

– Que pena, Edu. Não é fácil.

(“Edu.”)

– É, mas tá tudo bem, a gente achou melhor.

– Menos mau.

– Menos mau.

(Silêncio.)

– Minha Nossa Senhora. Que coisa. Ainda estou sem acreditar nisso tudo. Qual a probabilidade?

– Eu diria que nenhuma, Lorena, se não tivesse acontecido.

– Eu nunca mais soube de você.

– Eu só soube que você entrou no mestrado em Belo Horizonte. E não tinha nem vinte e cinco anos, né? Sempre a garota exemplar.

(Ela riu.)

- E virei doutora antes dos trinta!
- Não esperaria nada diferente.
- Você continua desenhando prédios, senhor engenheiro?
- Quase. Hoje eu digo para desenharem prédios.

(Riram.)

- Onde você tá morando?
- Em Perdizes.
- Tá brincando. Eu também! Me mudei com o Zé no começo

da semana!

- Gente! Não é possível.
- Meu Deus.
- Cacete. Imagina se é na mesma rua...
- Impossível.
- Olha, vamos fazer assim, vou contar até três, e a gente diz

o nome da rua ao mesmo tempo, tá?

(Ela ria sem parar, mais de nervoso do que de graça.)

- Só me falta.

- 1... 2... 3!

(Juntos:)

- Van-der-lei!

(Silêncio.)

- Não. Não dá. Vai me dizer que mora no 163 também?

- Puta merda.

(Silêncio de muitos segundos.)

- Sério. Tô com medo.

- Você por acaso não é a moça loira da TR4 prata, é?

(Suspiro incrédulo.)

- Sou.

– Puta merda. Vi seu vulto na garagem há, tipo, uma hora. Ia ligar pro porteiro pra avisar que seu vidro ficou aberto.

- Edu. Que que tá acontecendo?

- Não sei... Não sei.

- Isso não é algum tipo de brincadeira, né?

– Só se for brincadeira do destino. Desce pra garagem. Eu te encontro lá.

O AMOR

NOS

equivoca



Na panela, borbulhava a sopa de aroma surpreendentemente bom. O relógio marcava 20h15, horário que já denotava atraso no jantar do domingo. Dona Lourdes acabava de pôr a mesa quando o marido entrou pela porta da cozinha, pegou a lata de torradas, sorriu de canto para ela e sentou-se no lugar que ocupava havia quarenta e dois anos. Ela encheu o copo dele com água fresca, como sempre fazia.

José Luis era homem reservado. Nunca deixou de trabalhar, nem de dar um bonito nó na gravata, ainda que o tecido barato não colaborasse muito. Demonstrava seu amor pela mulher apenas no silêncio da noite, quando, fingindo dormir, abraçava-a até o braço formigar. Sua timidez nunca permitiu mais do que isso e os passeios de mãos dadas nas manhãs de sol.

Eram um casal feliz. Não tiveram filhos – não por falta de tentativa, mas por alguma questão fisiológica que preferiram não investigar –, porém não eram frustrados. Amavam um ao outro, aos sobrinhos e sobrinhos-netos e à gatinha branca que coloria o sofá da sala.

Dona Lourdes encheu a sopeira. Uma de suas formas de demonstrar amor era a incapacidade de levar panelas à mesa quando o marido estava em casa. Escolhia recipientes mais

bonitos: travessas, pratos, taças, sopeiras. Era um item a mais para lavar depois. E ela lavava com todo o prazer do mundo.

Ao servir o prato do marido – enquanto ele passava maionese caseira em uma torrada e colocava-a no cantinho do prato da esposa –, perguntou como havia sido o tradicional carteado dominical com os amigos. Ele respondeu que bem, sem grandes detalhes, apenas contando que o Carlos Augusto e o Chico andavam numa baita maré de sorte, levavam quase todas.

Mentir era difícil para José Luis. Sua criação, sua autoexigência e seu terno desbotado mas cheio de honra em nada harmonizavam com mentiras. Mas não tinha naquele peito magro coragem suficiente para contar a verdade à esposa.

Qual não seria o espanto de Dona Lourdes se soubesse onde o marido passava, realmente, as tardes de domingo havia tantos anos? Qual não seria a surpresa dela se descobrisse que não existia carteado? E que o Carlos Augusto, o Chico e o Mário Sérgio eram, na verdade, personagens de livros que o marido lera na adolescência, que nunca tinham saído daquelas páginas, tampouco jogavam buraco, ou tranca, aos finais de semana?

Como reagiria a mulher, perguntava-se ele, envergonhado e culpado por tantos anos de mentiras? Achava que, mais do que magoada pela desonestidade de tantas inverdades, Lourdes o acharia ridículo por fazer coisa dessas a esta altura da vida. Por isso, José Luis decidia sempre manter o discurso. Às vezes, até contava que havia feito uma canastra de às a às.

Depois do jantar, enquanto ela lavava feliz os pratos, a panela e a sopeira, ele foi ao quarto, tirou do bolso um papel dobrado em quatro e abriu, antes de guardá-lo no fundo da gaveta.

Sentia-se mesmo ridículo por, aos setenta e um anos, sair todo domingo de cabelo penteado e lenço no bolso, pegar o ônibus 268 e descer na praça onde, aos vinte e cinco anos, vira pela primeira vez aquela mulher de cabelos cor de ouro que seria sua pela vida toda. Sentava-se no banco onde estava em 1969 quando viu Lourdes sair da mercearia com o vestido verde-água, tirava uma caneta do bolso, desdobrava a folha de papel em branco, e escrevia poemas de amor que nunca teria coragem de

entregar à esposa, dobrava a folha de volta com certa vergonha até de si mesmo e ia para casa.

Quando a mulher veio para a cama, estava com uma camisola do mesmo verde que ele nunca perdeu da memória sobre o corpo robusto e pouco flácido, que denunciava a vida simples mas feliz. Ela olhou para ele e sorriu com os lábios, os olhos e os ombros, como lhe era peculiar. Ele apagou a luz para poder abraçá-la o quanto antes.

Em sua cabeça, ecoavam os últimos versos escondidos deste domingo:

*Água. Água que nunca houve no negro do seu olhar.
Mas que corre até hoje no verde da minha lembrança.
Água. Água que inunda meu peito de tanto te amar.
Que me trouxe você, quando já não havia esperança.*

teu cu

O pai, ao ver a multa por infração ao rodízio municipal de veículos, vira-se para o filho de dezenove anos e diz:

– Rafael, você saiu com o carro no dia do rodízio, né?

A resposta, livre de qualquer agressividade, foi mais natural que suco verde:

– Teu cu que eu saí com o carro no rodízio, pai.

A mãe, que trabalhava no notebook na mesa da sala, gritou:

– RAFAEEEEEEEL! O que é isso?

– Mãe, eu não saí no rodízio, sério! Nem uma vez!

– Não é disso que eu estou falando! Isso é jeito de falar com seu pai?

– Que jeito?!

– Não se faça de besta, Rafael!

– Sério, mãe, que que eu falei?

– Você falou... Você falou... Wagner, você não fala nada?!

– Teu cu. Teu cu, Rafael. Você me falou “teu cu”.

–

HA. Foi mal, pai. Foi sem querer.

A mãe com olhar severo e penetrante. O pai segurando o riso.

– Sério, mãe, eu nem percebi.

– Pior ainda, Rafael. Que horror. Sinceramente, que horror.

- Foi mal, mãe. Foi “teu cu” no sentido de “nem a pau”.
- RAFAEL!!!
- Caralho, mãe, “nem a pau” também não pode?!
- Nem “caralho”, Rafael.
- Foi mal. Foi mal, pai.

A mãe levantou a sobrancelha. Suspirou como só as mães aborrecidas sabem suspirar. Voltou para a planilha de Excel.

Passaram-se vinte minutos. O menino volta, pega a chave do carro na mesa, diz:

- Vou de carro até a casa do Cebola, beleza?
- E o pai, sem pensar duas vezes, sobe os olhos do jornal.
- Nem fodendo que você vai de carro pra Alphaville.
 - WAAAAAGNER!!!!!!!

ansiedade

Ansiedade.
Para acabar com as pendências.
Para se manter na abstinência.
Para conservar as aparências.
Para descobrir se era tudo coincidência.

Ansiedade.
Para terminar o livro.
Para encontrar ao vivo.
Para falar ao pé do ouvido.
Para ver tudo, afinal, fazer sentido.

Ansiedade.
Para terminar o prazo.
Para sair do raso.
Para perdoar o atraso.
Para saber se é destino ou acaso.

Ansiedade.
Para responder a mensagem.
Para preservar a imagem.
Para acertar na abordagem.

Para saber se é real ou só miragem.

Ansiedade.

Para pegar na mão.

Para se livrar da ficção.

Para acabar com a aflição.

Para definir, enfim, se sim, se não.



Te olhei e já vi o melhor dos meus melhores sonhos
E nada do que havia, de fato, em você
Mas isso não vinha ao caso
Vi os olhos negros que ansiavam pelos meus
E o ombro largo que me seria travesseiro em noites claras
E os pés que caminhavam rumo ao trajeto dos meus dias
Não vi só olhos, ombros e pés
Que era o que eles eram, na verdade
Vi meu mito, meu destino, minha vaidade

E de sua boca já esperava ouvir marxismo e gás
Rímel, talvez, em noites de festa
Em que me aguardasse engravatado e de barba feita
Já vetei sua presença nos cassinos
E sobretudo os beijos no Leblon
(ou na Barra, na Pompeia ou no Bigorrilho)
Teatro barroco liberado, porque não tolero
Stand-up comedy

Elétrico, dinâmico, saudável
Eu já me perguntava como me adaptaria
Às nossas tantas diferenças
Por mim já patologicamente previstas
Era um relacionamento complexo
Sem dúvidas
De contradições e hipóteses tantas
De tudo o que já estava milimetricamente positivado
Na minha tão medonha utopia

Era você sim
E você o culpado também
Por nunca ter sido o que tinha que ser
Por não ter o nome que eu desejei
E por não me querer ontem e amanhã
E em todas as datas do calendário gregoriano

Era você, que não era meu fulano
Que não era nada além de equívoco consumado
E que deu sentido real
Ao final da história
Previamente anunciado pelo itabirano.

(Já não sofro, já não brilhas,
mas somos a mesma coisa.
(Uma coisa tão diversa
da que pensava que fôssemos.))

troika

A gente sempre pode procurar desculpas.
Para não ir, não fazer, não encarar.
Sempre haverá uma desculpa.
Para não sentir, não escrever, não se dar.
A gente pode viver de desculpas.
E nunca cair, nunca doer, nunca chorar.
E de desculpa em desculpa
Nunca sair, nunca correr, nunca embarcar.
E de desculpa em desculpa
Sempre impedir, sempre morrer, sempre parar.
Mas a vida desculpa.
E te deixa seguir, reverter, resgatar.
Então agora, sem desculpas,
Se abrir, se atrever, se jogar.
Sem desculpas, sem medo, sem culpa
Invadir, pertencer, avançar.

O AMOR

NOS

espalos

Silêncio

Talvez o amor não precise ser ruidoso. Não precise das frases prontas, do evidente, do óbvio. Talvez seja mais fácil sentir o amor do que ouvi-lo. Quando se fala em sentir, as palavras, que costumam ser solução, têm o surpreendente hábito de atrapalhar.

No vão do sentimento, quem reina é o silêncio. A ausência de ruídos, de palavras e de vozes ganha força incomparável dentro do peito.

O silêncio de um estádio com trinta mil pessoas quando o time visitante marca um gol.

O silêncio dos funerais.

O silêncio do professor durante as provas.

O silêncio do pai que observa a filha dormir.

O silêncio dos que ouvem uma orquestra.

O silêncio das lágrimas que escorrem no rosto.

O silêncio de um feto.

O silêncio das páginas de um livro.

O silêncio das borboletas.

O silêncio da menorá e do crucifixo.

O silêncio do pôr do sol.

O silêncio de um sapato novo.

O silêncio da morte.

O silêncio dos abraços demorados.

E o soberano e inexplicável silêncio dos olhos nos olhos.

Voo 2271

Ele esticou as pernas, satisfeito, na fileira de emergência. Nem era tão alto, mas o espaço era bom, e ele gostava. Brilhante decisão, trocar o 7B pelo 16F. Eram onze horas de voo.

O que ele não sabia era que ela estava no 7A.

Ela quem?

Ela. A moça bonita, de olhos cor de musgo, cheia de dentes brancos e pescoço comprido. Moça que ele não viu passar na sua frente na sala de embarque porque estava olhando pro Facebook pela quarta vez.

Nem a viu prender os cabelos grossos num coque frouxo na fila do *check in* e depois dar uma batucadinha no passaporte. Todos os outros viram.

Ele não sabia que, se não tivesse aberto mão do 7B, ela sorria ao ver sua dificuldade com a porta do maleiro. E que ele repararia nas mãos com esmalte cor de ameixa agarradas aos braços da poltrona no momento da decolagem.

Também não sabia que ambos pediriam à aeromoça massa, vinho branco com uma aguinha sem gás e chá.

Ou que conversariam baixinho quando os outros adormecessem, até ela descobrir que ele também gostava de Elza Soares e ele descobrir que ela também detestava mandioquinha.

Nem que ela cochilaria um pouco, com a boca entreaberta, virada para ele. E que ele, ouvindo Ben Harper no fone de ouvido, teria uma súbita, inesperada e velada vontade de não tirar os olhos dela nunca mais.

Ele não sabia que ela, além de doce, era livre e gostava de pessoas que nunca tinham aparecido antes. E que ia gostar de ele ter aparecido ali.

Ele não sabia que a sua Marília não era a mulher da sua vida e que a moça do 7A poderia carregar na barriga, um dia, um molequinho com os olhos cor de musgo dela e os cílios escuros e generosos dele.

E que eles iriam ao estádio, ao Marrocos e à feira de alimentos orgânicos juntos.

Ele não sabia nada disso. Esticou as pernas e teve um ótimo voo.

Quem você
ama com seu
carinho de
supermercado?

Sexta-feira, 19h40, fila do supermercado. Observo os carrinhos alheios, como me é peculiar. Hábito péssimo sob a ótica da etiqueta, mas fantástico do prisma sociológico que não tenho. Enfim, seja como for, olho sem constrangimento.

E a conclusão à qual chego semanalmente é que todo carrinho de supermercado tem muito mais a ver com amor do que com o que falta na despensa.

O amor generoso transportado no carrinho que tem cinco quilos de arroz, doze litros de leite integral que acabam logo, uma pilha de bandejas de carne, um saco de laranja para suco – em vez dos que já vêm nas caixinhas de papelão – e danoninhos incontáveis. Quiçá dois Kinder Ovos.

O amor-próprio passeando no carrinho com deliciosas porções individuais de coisa boa, regadas com uma garrafa de vinho chileno, salada pré-lavada, um xampu neutro e uma caixinha de lichias.

O amor-próprio obsessivo-compulsivo no carrinho com proteína, proteína, proteína e batata-doce.

A total falta de amor-próprio no carrinho com salgadinhos de isopor, refrigerantes individuais tamanho família, álcool sem amigos e açúcar sem pretexto.

O amor aos sábados de sol, no luminoso carrinho com uma picanha, trinta latas de cerveja, queijo coalho, sal grosso, carvão e gelo.

O amor conjugal festivo no invejável carrinho com queijo de preço injusto, frios diversos, espumante com pressa para gelar e barra de chocolate que vai derreter entre os dedos futuramente lambidos.

O amor à conta bancária nos carrinhos com “leve 4, pague 3”, marcas genéricas e um belo tanto de coisas não desejadas mas impostas por irresistíveis ofertas.

O amor ao trabalho que se apressa no carrinho com barras de cereal inquilinas de gaveta, congelados da madrugada, iogurtes de beber que vão vazar na bolsa e qualquer garrafa de teor alcoólico superior a 40% para os dias em que as escolhas forem questionadas.

Quatro rodas que transportam verdades evidentes que muitas vezes não são vistas nem ditas, verdades espalhadas entre armários de madeira, prateleiras refrigeradas e os submundos do freezer.

coisa boa

É boa a manhã quando você perde a hora
É boa a bagunça quando você vai embora
É boa essa casa onde a gente se adora
É bom esse peito onde a gente já mora
É bom não ter pressa, é bom ser agora
É bom esse tempo se a gente namora
É bom olhar pra janela e seu vulto lá fora
É boa sua imagem pelo vidro que chora
É boa sua falta, se ela logo melhora
É boa essa vida, quando a vida demora.

desembarkue
pelo lado
esquerdo
do trem

Ele pulou da carona como um gato, apesar dos seus cento e doze quilos de puro charme. Estava atrasado para ser entrevistado para um emprego que já sabia não querer. Essas coisas que a gente faz. Sorte, pelo menos, que a entrevista era num horário besta, 11h40. Não há horário mais besta. Talvez 15h15, não sei. É uma boa briga. Enfim, horário besta em que o metrô não está tão abarrotado de gente.

Linha Azul, sentido Tucuruvi. São Judas é a terceira, geralmente tem lugar. Tinha. Sentou-se com aquele tradicional medo de a calça do terno descosturar nesses momentos escolhidos a dedo. Ele era bem bonito. Cabelo farto, já um pouco grisalho, mesmo que antes dos trinta. Nunca foi magro, sempre esbanjou quilos e charme. Costeletas, perfume bom, nunca precisou de muito mais.

Ainda se recuperava do fora que tinha levado do último namorado, que adorava seu perfume, mas andava querendo cheirar novos pescoços. Procurava não pensar muito nisso (nítido sinal de que já pensava demais). Eles tinham uma daquelas relações que pareciam não ter hora pra acabar, até que acabou de uma hora pra outra. Ia ficar tudo bem; ele sempre divou na noite paulistana.

Saúde, Praça da Árvore, Santa Cruz, Vila Mariana. Entra um cão-guia. E entra o surpreendente guiado: tão cego, tão lindo, tão gay. Nosso protagonista ficou desnorteado, era muita informação. Não se vê um cego todo dia, não se vê um gay tão evidente toda hora, e, sobretudo, não se vê homem bonito por aí. Raça ameaçada de extinção e nem por isso tutelada por alguma ONG.

Ele, que sempre foi o rei do flerte, especialmente no metrô (daqueles flertes em que os olhares continuam quando um fica no vagão e o outro na plataforma, até se perderem no vácuo), quis flertar mais do que nunca e se sentiu de mãos atadas. *O que eu faço? Por onde começo? E se ele for descer no Paraíso? Ofereço ajuda? Claro que não, idiota. Brinco com o cachorro? Também não, ele tá em serviço. Pergunto se ele tem horas? Afe. Não.*

Foi Ana Rosa, foi Paraíso e foi Vergueiro, e ele não desceu. *Cavalera, ele está com uma camiseta da Cavalera.* O protagonista vai à loucura. São Joaquim, Liberdade. Preciso paquerar esse cara antes que ele desça na Sé. Dane-se, vou lá. Colocou a mão levemente no ombro dele e disse:

– Cara, você quer sentar? Acabei de vagar um lugar.

– Não, não, valeu, vou descer na próxima.

(Sorte e pressa, sorte e pressa, ele pensava.)

– Beleza. E... E uma cerveja um dia qualquer, você topa?

(Ele ri, surpreso.)

– Pô, essa proposta é melhor do que o assento. *(Riram.)*

Como você chama?

– Davi. Prazer. E você?

– Vinícius. Prazer.

E então uma voz imperativa interrompeu:

– Estação Sé. Desembarque pelo lado esquerdo do trem.

– Você vai descer, né? Me passa seu número antes. Deixa eu pegar o celular.

O trem parou, o cão-guia tomou a dianteira. Ele foi falando o número enquanto saía. No final, gritou:

– Boa sorte no que você vai fazer agora. Não sei o que é, mas o perfume vai ajudar!

O protagonista respondeu:

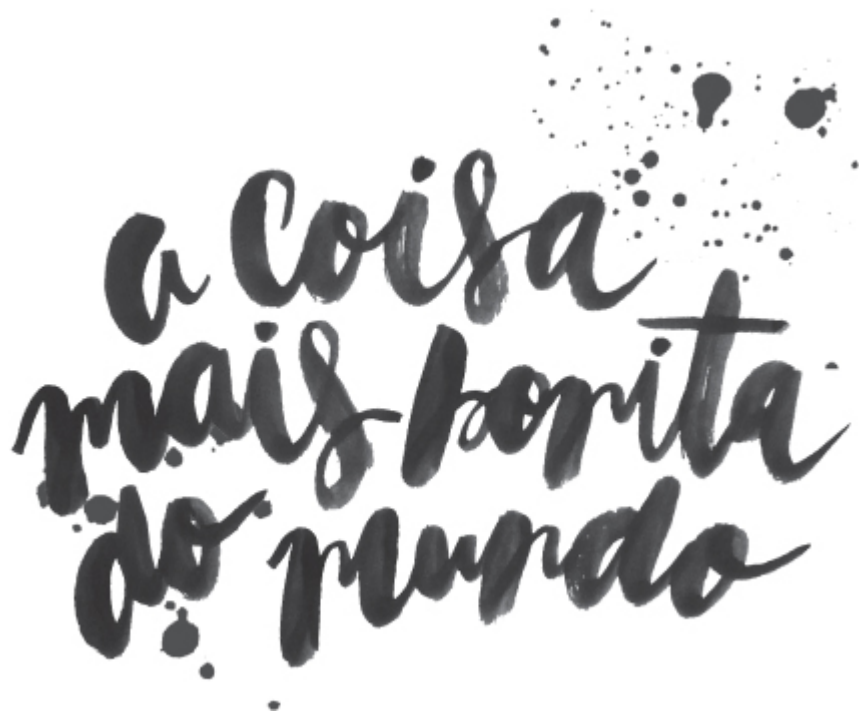
– Valeu! Mas acho que a coisa mais importante que eu tinha pra fazer hoje, acabei de fazer.

As portas fecharam. Ele não tirava os olhos daquela dupla na plataforma. O trem foi saindo, e para sua surpresa Vinícius foi virando o pescoço junto com o trem, como quem ainda olhava para ele dentro do vagão. Davi sentiu um frio na barriga como em nenhum outro flerte. Pelo jeito, ambos iriam viver muita coisa que, literalmente, nunca tinham visto na vida.

O AMOR

NOS

sujeitos



Há no mundo uma bela meia dúzia de coisas bonitas. Filhote de tartaruga indo ao mar, cílios postiços bem colocados, pôr do sol cor de laranja, perfil com nariz honesto, noite clara no verão, terno de alfaiate.

Há dessas coisas que são boas de olhar, sem precisar de qualquer performance ou apetrecho. Coisas que bastam estar lá, que bastam ser.

Mas há uma coisa cuja beleza ainda me parece incomparável com todo o resto. Que fica em um patamar muito particular, inatingível por qualquer outra beleza que circule nas mesmas redondezas.

Não encontrei ainda coisa mais bonita que o orgulho que transborda de avós quando têm seus netos nos braços.

Não falo simplesmente da imagem de uma avó carregando um neto. Essa é bonita, mas bonita como tantas outras belezas.

Falo de um tipo de aura que surge em torno delas quando se sabem observadas com seus netos.

Surge nelas algo de divino, de elevado, como se seus rostos se enchessem de uma luz invisível e seus peitos fossem inflados por um ar mais leve do que este que respiramos.

Surge algo que não há em nenhuma outra relação e que, inclusive, não havia nelas mesmas enquanto mães. Algo em que a gente bate os olhos, vê, sente e sabe.

Não, ainda não achei nada mais bonito do que essa involuntária manifestação não sei se de amor, não sei se de ego, não sei se de orgulho ou de vaidade. No fim, pouco importa. A coisa mais bonita do mundo não tem que se explicar.

otokrino
caringolo
linda.

Sete anos.

E um “foi mal, eu preciso ficar sozinha”.

Shit happens.

Chorou, chorou.

Passou umas poucas horas sem comer, gastou uns quatro rolos de papel higiênico, passou uns dias na horizontal.

Na terça-feira, foi trabalhar, porque sabia que dor de corno não assina ponto. E porque tinha uma consulta médica às 17h20, daquelas que se marcam com dois meses de antecedência (e amor nenhum vale mais do que consulta com médicos de agenda lotada – aprendam, crianças).

Achou que ia chegar decente, porque lavou o rosto antes de sair do trabalho. Mas não contava com o Ne-Yo cantando que estava “so done with wishing she was still here” no rádio.

Chegou todo inchado, todo cheio de mágoas na borda dos olhos.

Deu a carteirinha do plano de saúde, sentou no sofá entre duas senhoras que não pareciam queridas, abriu uma revista *Caras* que tinha na capa o décimo quinto casamento de um empresário rico grisalho com a décima quinta moça loira de vinte e cinco anos.

Antes que acabasse de admirar tantos vestidos justos nos glúteos superproduzidos de tantas subcelebridades, ouviu seu nome pronunciado por uma voz boa de mulher.

Subiu os degraus e viu à porta aquela imagem. Uma mulher que o fez perder o rumo por alguns segundos. Aquela pele morena e aqueles olhos azuis não cabiam naquele jaleco branco. Que loucura. Cadê a vigilância sanitária? Cadê a Agência Reguladora das Médicas Exuberantes? Isso é Brasil.

Entrou, se explicou, mostrou exames, prestou suas queixas, blá-blá-blá.

A médica sorriu, disse pra ele sentar na cadeira dos exames. Ele encolheu a barriga, sentou esticadinho.

Não sei pra quê.

Ela começou a ver a goela, a enfiar ferrinho no nariz, a tirar cera do ouvido. Um festival de horrores.

Ele ficou um pouco frustrado. Esperava um clima, uma chance de dizer “mas a cor dos seus olhos é mesmo incrível”. Mas foi ela que disse que a cor das amígdalas dele era satisfatória.

Voltaram para a mesa, ela pediu mais uns 247 exames, receitou uns remedinhos milagrosos por enquanto. Ligou para a secretária, falou pra marcar retorno.

Ele pensou em ficar decepcionado.

Ela se levantou, ele também.

Apertou sua mão, agradeceu e disse “até a próxima”.

Enquanto assinava a papelada do convênio, sentia algo de bom que não entendia direito.

Entregou o papel para o manobrista, pagou uma pequena fortuna e ficou esperando.

De repente, entendeu. Entendeu o que aquela consulta, aquela mulher e aquele vazio significavam.

Não era sobre aquela mulher. Nem sobre a outra. Não era sobre cera no ouvido ou sobre desculpas esfarrapadas. Nem sobre chances de elogiar o óbvio nem sobre hipóteses de arrependimentos.

Era sobre ter, depois de tantos anos, visto uma mulher. Visto uma mulher com os olhos que se redescobriram livres, ainda que de forma involuntária.

Era sobre sentir que estava vivo. Era sobre sentir que, pouco a pouco, a vida ia seguir.

O Livro de Receitas

Faltavam cinco dias para sua partida. Malas em curso, emoções à flor da pele, pendências mil. Efusiva e angustiada, viu sua avó entrar. O colar de contas azuis, o cabelo cor de prata, os passos doces como gemada. E não há no mundo nada mais doce do que avó. Nem filhos, nem maçã do amor.

A moça tinha algumas joias que decidiu não levar para a temporada fora do país por medo de perdê-las. Mas a joia mais valiosa ela deixava, com seu medo diário de perdê-la para o tempo.

A avó entrou em seu quarto, abriu a bolsa de alça curta na qual vagavam tradicionalmente um batom gasto, um molho de chaves e um suposto aparelho com fins de telefonia. Tirou de lá um caderninho quadriculado.

A moça ainda não sabia, mas constavam nele: caldo verde, bolo de carne, frango princesa, frango alho e óleo, beterraba agri-doce, quindim, ambrosia, baba de moça e gelatina de coco. Ou seja, tudo o que ela jamais aprenderia com Jamie Oliver ou Nigella e tudo o que poderia lhe fazer um incomparável afago na alma através do paladar em noites frias.

A avó passou o caderno às suas mãos, segurando-as com as próprias, tão cheias de histórias marcadas pelos anos.

– Filha, eu sempre imaginei qual seria a primeira neta para quem faria um livro de receitas. Achava mesmo que seria você, querida. Mas confesso que achava que seria às vésperas do seu casamento.

O turbilhão de emoções – as verdades, a partida, a angústia, a voz da avó – impediu-a de falar. Tentou responder, mas as palavras não saíam (nem da mente, muito menos da boca). Só lhe restou tentar balbuciar um agradecimento, mas foi impedida pela velhinha.

– Pois não foi às vésperas do seu casamento, querida. Não foi como quando eu ganhei o meu, mais nova que você. Aliás, com a sua idade, eu já era mãe e já sabia fazer quase todas as receitas desse caderninho.

Poucos são os segundos mudos que permeiam os diálogos que não sejam incômodos. Aquele era um desses raros.

– É, querida. Eu nunca podia ter imaginado que o primeiro caderno seria para uma neta que vai alçar voo solo pelo mundo. E eu nunca poderia imaginar o tamanho do meu orgulho por isso.

O silêncio ganhou o frescor das lágrimas da moça.

– Vai, filha. Vai com Deus. Cozinhe pra você, descubra seus temperos e seja feliz. Vou estar aqui vibrando por você e te esperando voltar pra comer o frango com molho de cerveja de que você tanto gosta. Mas essa receita eu não coloquei no caderno, só pra garantir que você volta.

E piscou o olho direito enquanto acariciava o joelho da neta.

Tia, você é
tão bonita

(No escuro do quarto, hora de dormir.)

– Tia.

– Oi.

– Eu acho você tão bonita.

– Ô, princesa. Que gostoso ouvir isso. Eu também acho você linda.

(Risadinha simpática – daquelas que não se espera que criança de nove anos saiba dar. Alguns segundos de silêncio.)

– E mesmo assim você não arranja um namorado, né, tia?

(Pausa longa.)

(Riso forçado.)

– ...querida! Eu não estou caçando namorado.

– Tá bom. Eu sei. Mas é que você é a única tia que sobrou sem casar.

– Ué, eu sou a caçula.

– É verdade. Não tinha pensado nisso. Achei que era por causa do seu nariz.

(Pausa.)

– Que que meu nariz tem com isso?

– Ah, você sabe. Ele é muito... pontudo.

– Sim, eu sei que é grande. Mas você achou que eu não casava por isso?

– Não. Claro que não. Só achei que ninguém te namorava por isso.

(Risada sincera.)

– Não, amor. Pode ficar tranquila. Está tudo bem com meu nariz e meu coração.

– Que bom. Porque você é muuuuuuito bonita.

(Risada de ego.)

– Obrigada, lindinha.

– E às vezes muuuuuuito chatinha.

(Pausa breve.)

– Tipo?

– Tipo quando acha que a roupa não pode ter nenhuma sujeirinha.

– Isso não é chatice, isso é limpeza!

– Por isso que você não tem namorado. Os meninos são sempre meio sujos.

– Saquei. É um ponto interessante.

(Suspiro da pequena.)

– Ai, tia, você é tão bonita. Mas ainda tem que aprender tanta coisa...

– Todos nós temos, gatinha.

– Mas, olha, tia, se você nuuuuuunca namorar de novo, eu vou te amar do mesmo jeito.

(Risada de sonora exaustão.)

– Que bom, querida, que bom.

– Porque essa coisa de precisar casar é do passado. Hoje as meninas são livres. E sabe? Acho que quando eu crescer eu quero ser assim que nem você.

– Assim... livre?

– Não. Livre, eu já sou. Quero ser assim... linda. Linda e toda erradinha.

oi, ex,
como vai?
(VERSÃO B)

Hoje não venho com palavras de paz, nem perguntar como vão
os seus
pais, muito menos te dizer pra voltar atrás
Sim, houve um tempo. Tempo em que priorizei a diplomacia, que
pensava vinte vezes no que dizia, que sentia o sapo na goela e
engolia
Mas cansei dessas boas maneiras, de tapar o sol com a peneira
e
resolvi, enfim, abrir a torneira
Vim falar tudo o que ficou entalado, tentar me livrar do
persistente
fardo, te dizer que, sinceramente, te acho um puta de um safado
Vim dizer que sua tia-avó é o capeta, que não se usa terno com
camisa preta e que, enquanto brigávamos por telefone, eu ficava
fazendo careta
Vim te lembrar que você foi desonesto, que me deu um sapato
que eu detesto, que seu último cartão de Natal me foi
completamente
indigesto

Vim te avisar que eu sou mais legal do que você merece, que
você
é mais sinistro do que parece, que agora sou eu que falo e você
só
agradece
Vim te dizer pra mudar esse corte de cabelo, que eu nunca ouvi
aquele CD do Marcelo Camelo e que é uma baita sacanagem
não encher
as forminhas de gelo
Não vim propor uma relação educada, nem te dizer que nossa
história
está bem guardada, muito menos te desejar uma linda
caminhada
Vim porque me dei o luxo de ser egoísta, porque quero cortar
você
da minha lista, porque você me fez sofrer mais que qualquer
dentista
Vim só pra te chamar de cuzão, pra dizer que tenho vontade de
te
sentar a mão e que nem a Disney me apresentou tamanho vilão
Vim dizer que não sou obrigada, que dou graças a Deus por não
estar casada e que quando me agradecer: de nada

O AMOR

NOS

cliques



te esperei
a vida toda

E então ele disse:

– Hoje eu entendo. Tudo o que eu vivi, tudo o que eu passei. Talvez tenham sido só caminhos. Porque na verdade eu sonhei com você a vida toda. Seu jeito de falar, sua risada, suas fragilidades e chatices, seu jeito desastrado. Com o seu rosto, eu não sonhei. Não saberia te imaginar porque nunca vi nada nem parecido. E as sardas nunca estariam nos planos. Foram muitos anos, muitas mulheres, muitos erros e alguns acertos. E então você apareceu. Não tenho nem idade nem tempo para fazer jogos ou para te dizer meias palavras, deixar coisas no ar. Não. Eu te esperei a vida toda. E agora eu estou aqui, você está aqui. E estou, enfim, segurando a mão que durante anos me contentei em observar nos sonhos. E só poder tocar em você já fez a vida valer a pena. Não me ache perigoso, nem um babaca. É que eu sei que ninguém encontra a pessoa que idealizou sem nenhum limite do concreto. Imagine então a sorte do cara que encontrou ainda mais. Não estou dizendo tudo isso por você nem por mim. Estou dizendo porque seria uma sacanagem com a vida não dizer. Eu enchi essa mulher de requisitos impossíveis, que nunca conviveriam juntos. E aí está você, num conjunto descombinado

de qualidades encantadoras. Eu não espero nada. Te encontrar e te dizer tudo isso já foi tanto... Estou aqui, princesa. Vou sempre estar.

Ela continua procurando as palavras até hoje.

mil (ou VINTE E DUAS) formas de te amar

Nunca ter matado nenhum dos seus parentes
Te levar na cama uma aspirina efervescente
Te infernizar pra marcar dermatologista
Ir ao mercado com seu desodorante na minha lista
Gostar sinceramente dos seus grisalhos
Pressa diária pra sair do trabalho
Descartar suas meias pretas furadas
Sorriso fácil ao ver que é sua a chamada
Combinar a cor das escovas de dente
Transformar “nós dois” em “a gente”
Te dar atenção num rodízio japonês
Comer dois pastéis pra te deixar com três
Amar amores que não são meus
Olhar pra você, lembrar de Deus
Pedir sua bruta massagem nas costas
Achar que seu chefe é mesmo um bosta

Te emprestar os carinhos da minha avó
Só porque você vem, tirar o pó
Sugerir que não use essa camisa
Não morrer de rir durante a sua baliza
Bastar você no final de semana
Acordar atrasada, dobrar seu pijama.



Há na vida poucos prazeres maiores do que chamar a própria mãe. É um misto entre o prazer da segurança e a doce sensação de causar tormento num ser incondicional.

Mas para ser bom mesmo, daqueles prazeres que encham o peito, tem que ser gritado, como se a distância entre o cômodo em que você está e aquele em que ela se encontra fosse análoga àquela entre Cachoeira Paulista e Presidente Venceslau.

E tem que haver uma entonação de urgência, permeada por suaves notas de desespero, para garantir uma ponta de dúvida, ainda que remota, quanto ao nosso bem-estar físico e emocional.

A real causa varia de acordo com a idade: o leite atrasado, a toalha esquecida, o casaco desaparecido, a esperança perdida ou a simples necessidade da certeza de que, mesmo após tantos anos, ela continua lá.

Mas não basta gritar “Mãe!!!!!!”.

Nem berrar “MÃÃÃÃÃE!!”.

Nem é tão satisfatório se for “ôôô, Mãããããe!!”.

O melhor grito da vida é um só. O “Mã-nhêêêêê!!”.

Com esse “nh” inexistente, colocado ali só para que o momento dure mais.

E tem que durar.

Porque haverá um dia em que o grito será memória e a visão da mulher amada, visivelmente irritada, será só saudade, senão história.

quantos
abacos
cabem num
ovato
de canja?

Agosto. Aquele frio tropical do Sudeste brasileiro, que nunca pedirá chapéu, mas que sempre pedirá abraço e sopa. Talvez mais abraço do que sopa.

Ele chegou no apartamento recém-entregue. Um daqueles com decoração impecável em preto, bege e mogno, que demonstram bom gosto, sobra de dinheiro e falta de história.

Tinha trinta anos recém-feitos e ganhava muito melhor do que trinta anos de idade deveriam permitir. O apartamento era dele, sem dívidas nem auxílios. Simplesmente dele. Decidiu sair de casa quando o pai se casou de novo, pois, por mais que gostasse da madrasta – que já fazia o grande favor de entreter o pai –, achava que aquela casa não cabia mais nele ou vice-versa.

Perdeu a mãe aos vinte e seis, num estúpido atropelamento, daqueles em que todo mundo é vítima, quem matou e quem morreu. Era a maior paixão da sua vida. Não poderia imaginar algo mais divino do que aquela mulher de menos de um metro e sessenta, parruda, de cabelos escuros sempre presos.

Precisou voar sozinho, levando-a todo dia na memória e na foto 3x4 na carteira, em tempos de rolo de câmera do iPhone. Nunca aprenderia a estar sem ela.

Sentou-se no sofá de couro preto, desamarrou os sapatos de grife, respondeu mensagens de três mulheres bonitas. Foi até a cozinha e encontrou o bilhete da Danda: “Dudu, precisa comprar papel-alumínio e caldo de carne. Como tá frio, fiz canja. Achei a receita da sua mãe num livro na casa do seu pai. Tá no fogão. Danda”.

Percebeu que nunca mais tinha comido canja. Nem a da mãe, nem nenhuma outra. Foi até o fogão, tirou a tampa da panela que, suada, pingou no chão de mármore claro.

Sentiu o cheiro da canja e provou na própria concha, sem pensar, sem esquentar, sem modos, sem pausa.

Sentiu naquele caldo o sabor da ausência, o cheiro do abraço e o alto preço do amor desmedido.

Chorou até pegar no sono.

o pedido

Não venho pedir sua mão
mas suas tardes
de domingo
e metade da cama
Pedir
para entrar sem bater
porque você vai querer
e até esperar
Venho pedir
que dirija meu carro
do seu jeito
sem me ouvir falar
e falar
E pedir
que tome
meu chá de mel e limão
quando tossir
cinza
Venho pedir
para jogar sua roupa
no bidê
porque ela vai estar
em cima da tampa
do vaso

E paciência
com a minha mãe
e minha falta
de tempo
de jeito
de coordenação
Mas nunca falta
de sorte
na vida
se você disser
que Sim.

O AMOR

NOS

tempos



amo tanto quem
você era

Amanheci com sua imagem. Não sei bem se foi sonho ou se foi só a presença insistente da lembrança. Sei que amanheci com o seu sorriso largo.

Imagino que esse sorriso não tenha mudado. Todo o resto, sim. A cor das camisas, a marca do perfume, as leituras de cabeceira, os planos, os ares, a entonação. Da última vez que te vi, já não te conhecia.

Mas me lembro, sem perder um detalhe, de quem você era. Era graça e leveza. Era perspectiva e certeza. Inviavelmente sólido nos meus dias, inevitavelmente indispensável nos meus planos.

Tão querido. Travestia-se para os meus. De filho, de irmão, de amigo de infância. Era fácil te amar. Não só para mim, mas para toda criatura desarmada que se encontrasse com seus olhos durante uma tarde qualquer. E você sempre gostou de ser amado.

Durante muito tempo, achei que guardava afeto pelas nossas lembranças. Percebi que não. Que não é mera lembrança, mas que ainda é e provavelmente nunca deixará de ser amor presente. Atual. Maciço e permanente, nas palavras do mestre.

Mas não por você. Você, eu não sei quem é. Sigo amando quem você era, porque é humanamente impossível não amar. Nos perdemos em algum pedaço do tempo. Os rumos mudaram, você mudou. De jeito, de cara, de discurso. Talvez eu também tenha mudado, mas acho que fui consequência, não causa, dessa alteração de percurso.

Ainda amo seu riso fácil, sua ansiedade infantil. E amo nossos planos, nossos sonhos. Sem remorso e sem rancor. É um romance parte baseado em fatos reais, parte fruto da imaginação de seus autores. História não vivida, mas história viva.

Não te conheço. Não sinto sua falta. Não cogito uma nova velha história ao seu lado. Mas aquele que você um dia foi segue seguro e amado, cadeira cativa dentro do que me tornei. Carrego o que você foi e já não é neste peito, que já foi sua casa e que hoje você nem ao menos conhece. São estranhos os caminhos da vida.

Carta ao filho hipotético

Amor meu,

Não sei qual a cor dos seus olhos, nem qual a temperatura das suas mãos. Não sei se você tem os dedos e os cabelos finos como os meus. Se é risonhamente desdentado. Se chora, chora e chora ou não. Sei que te espero um dia.

Venho te dizer para, quando chegar a hora de vir, que venha tranquilo.

Eu sei fazer cafuné, bolo de milho e cabanas com lençol. Sei escrever algumas coisas bonitas para seus cartões de aniversário. Também sei algumas músicas boas para a hora de dormir. Todo o resto não sei, mas por você aprendo.

Seu pai é um sujeito incrível. Tem um abraço quente no qual cabemos nós dois. Ele trabalha, mas não volta tarde. Compra frutas e canta no banho. Ele também faz carinho na nossa testa até cochilarmos. Você vai gostar muito dele. Só não tenho certeza se eu já o conheço.

Venha conhecer seus avós. Na casa deles tem goiabada e amor sobrando. Tem um mundo de livros dentro deles. Eles sabem um milhão de histórias, você vai ver. A cama deles também é sua e o tempo deles, mais ainda.

Tem tanta coisa boa te esperando, querido.

O mundo não é ruim como dizem; fique tranquilo que a vida aqui será boa.

Venha, que eu te quero e te espero sem medo. Talvez agora ainda seja cedo. Mas, quando quiser vir, venha, que eu faço com que seja a hora certa.

Com amor,
Sua mãe

Vem que a
tarde tá
caindo

A vida é toda cheia de planos e porquês
A gente perde o presente vivendo o futuro
Mas hoje eu só quero namorar com você
Sem precisar de “te prometo” nem de “te juro”
O relógio corre atrás de nós como inimigo
Então deixa ele pra fora e vem esquecer o tempo
Deita do meu lado, olha pro céu, vem construir comigo
Meia dúzia de sonhos, sem tijolo nem cimento
Vem pra cá, chega logo, sem atraso
Vem me ajudar a perder a hora
Porque a cama é sempre boa do seu lado
E o melhor momento é sempre agora
Deixa lá fora tudo o que não mora no peito
Trajetos, projetos e o peso do dia a dia
Se joga no sofá, eu já chego e me ajeito
E deixa eu te lembrar da leveza da alegria
Vem pra cá que a tarde já tá caindo

Vem ver que o tempo pode ser demorado
Quando você respira devagar, sorrindo
Só olhando pra esse meu rosto todo errado
Vem. Vem que eu te amo e já te disse
Vem. Vem buscar meia dúzia de beijos
Vem. Hoje é sem cobrança, sem chatice
Vem. Os dias demoram quando não te vejo.

queria mesmo
era um amor
antiquado

Queria mesmo era um amor de tempos passados.
Lento.
Cuidadoso.
Esperado.
Um amor que começasse com olhares assustados.
Escondidos.
Ocultos.
Disfarçados.
Que caminhasse devagar para sorrisos medrosos.
Fechados.
Planejados.
Ansiosos.
Queria sentar longe em uma namoradeira.
Grande.
Observada.
Traíçoeira.
E esperar mais de mês para pegar na mão.
Expectativa.
Taquicardia.
Tensão.
Queria pensar dias na boca sonhada.
Inquieta.
Suspirando.
Calada.
E perder meu olhar na tarde quente.
Você.
Nós dois.
A gente.
Queria esperar sofregamente o dia.
Incompleta.
Aberta.
Vazia.
E tremer ao te ver chegar.
Te ter.
Ceder.
Me dar.

soneto das 23h30

Acredito na predisposição ao sofrimento
Na nefasta adoração declarada pela dor
Na estranha afeição pelas faces do amargor
Numa certa ode orgulhosa ao lamento

Nasci imune à sensação de afogamento
Fui criada indisposta a me indispor
Aversa às tantas propostas do rancor
Incapaz de evitar risco e sentimento

E para todo golpe que a vida traz, trouxe ou trazia
Mergulho num choro sincero e sem drama
Lavo a alma, me calço e sigo a pé

Talvez conduzida pela garra de quem ama
Talvez amparada pela obstinação da fé
Talvez calejada, iludida por mera anestesia

O AMOR

NAS

perdas

a caneta
do avô e o
cheiro da
tangerina

Gustavo, desde os tempos de escola, tinha um estojo preto, magricelo como ele. Nunca houve grande coisa lá dentro: uma borracha encardida, um lápis de ponta quebrada, duas canetas Bic (uma sem tampa, outra mordida na ponta), uns cliques alheios, pedaços de papel. Mas, quando passou no vestibular de História naquela universidade pública tão respeitada, o rapaz ganhou um presente do avô: uma caneta preta, simples e bonita, de marca boa. Daquelas pra durar a vida toda.

No primeiro ano, deixou-a em casa, tinha medo de perder. Foi nesse mesmo primeiro ano que conheceu Joana, que tinha cara de tarde de sol na praia e cheiro de tangerina. Estudavam em dupla: abriam os livros sentados nos degraus da faculdade e iam parar na Mesopotâmia, em Machu Picchu, em Mianmar. Estavam juntos, estavam felizes.

No fim do tal primeiro ano, o avô foi dormir e não acordou mais. Quando conseguiu voltar para o mundo, Gustavo levou a caneta: abriu o estojo velho, colocou-a lá dentro como quem coloca um filho no berço.

Dois anos depois do primeiro ano, Joana criou coragem. Disse que nada mais fazia sentido: o curso de História, as batas floridas, os abraços do rapaz de tronco magro. Ela estava indo embora de tudo, inclusive dele. Pediu que não mais a procurasse, trancou a matrícula, sumiu do mapa. Ele chorou uma semana, comeu mal durante duas, andou cabisbaixo durante três. Na quarta, vivia. Os anos passaram, outras garotas sorridentes vieram, mas a lembrança e a dúvida martelavam. Ele nunca deixou de imaginá-la voltando, contando viagens e equívocos.

Terminou o curso, entrou no mestrado. Quatro anos depois, no doutorado. Mais de dez anos perambulando pelos tempos do mundo. Uma noite, preocupado com a banca, com a revisora que não dava notícias, com o preço da impressão de doze exemplares da tese, deu-se conta de que estava sem o estojo. Voltou correndo à biblioteca de silêncio mórbido. Nada. Passou no banheiro, na lanchonete, na mureta onde fumava seu cigarrinho. O achados e perdidos já estava fechado. Com o

coração apertado, foi para casa, tentando se convencer de que no dia seguinte o estojo estaria lá, esperando-o como criança na saída da escola.

Acordou na manhã seguinte, colocou a camisa xadrez, os sapatos de couro marrom e foi apressado ao necessário reencontro. Quando o careca de farto bigode saiu de trás do biombo com o estojo preto nas mãos, Gustavo suspirou aliviado. Quando encostou as mãos naquela quase relíquia, ouviu seu nome pronunciado por uma voz mais do que conhecida.

Depois de tantos anos, de tantas laudas, de tantas tardes, era ela. Ela, que continuava permeando seus dias com lembranças doces.

Virou-se, por esperança ou teimosia, esperando a menina de tantos anos atrás. É claro que não era ela. Era outra Joana, com calças estranhamente largas, salto assustadoramente fino, lenço de estampa de bicho no pescoço e uma bolsa com iniciais repetidas, espalhadas, insistentes.

Sorriram desnorteados, deram um abraço forçado, conversaram o óbvio: quanto tempo – verdade – tá fazendo o que aqui? – vim buscar meu histórico – você tá diferente – você não mudou nada – um café? – um café.

Sentaram-se de frente. Ele ainda queria acreditar que num dado momento ela ia começar a se parecer com a velha Joana. Mas a cara de tarde de sol estava encoberta por uma nuvem de base, pó e pó bronzeador. Enquanto ela começava a contar sobre a agência de publicidade onde trabalhava, ele só se perguntava por que ela começou a tentar se pintar de tarde de sol que não dava certo se ela já era uma tarde de sol tão certa. Ou será que não era mais? Talvez não fosse mais.

Ela falava de outro jeito. A voz vinha da boca, não mais do peito como antes. Contava de grandes projetos, grandes clientes, grandes cifras. Gesticulava, franzia a testa, ria de um jeito falso e alto, jogando a cabeça pra trás. Estava preocupada em parecer sei lá o quê. Ele ouviu muito, depois contou rapidamente sobre a dissertação de mestrado que tratava dos impactos da Revolução Industrial na América Latina e sobre a tese de doutorado, que,

como toda boa tese de doutorado, era absolutamente inexplicável em menos de três dias.

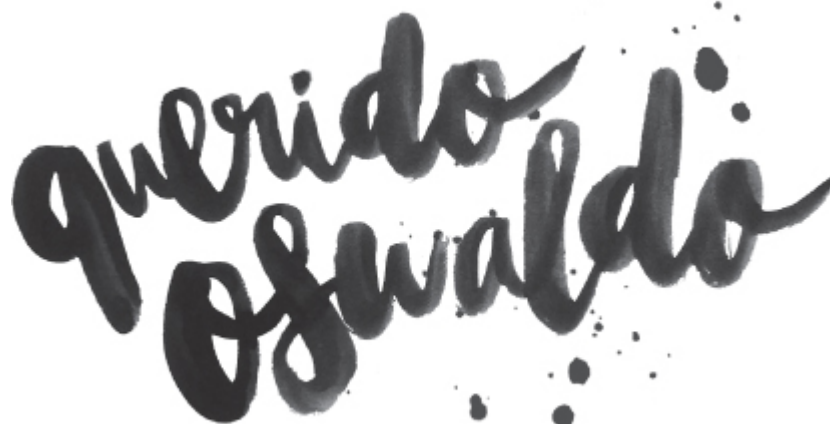
Havia um milhão de coisas sobre as quais ela poderia perguntar. Família, opinião, literatura, sonhos, caneta. Mas ela começou a perguntar sobre como ele estava se sustentando. Sobre o valor da bolsa da Capes. Sobre perspectivas profissionais. Um papo atravessado e raso. Ele tentou desconversar. Perguntou se ela ainda adorava Janis Joplin. Ela riu. Não um riso de memória. Aquele riso estranho.

Ele percebeu que precisava parar logo com aquilo. Precisava parar, antes que as boas lembranças fossem mais massacradas. Antes que a memória fosse soterrada por um presente tão fora do previsto. Pediu mil desculpas, disse que tinha uma reunião com o orientador, que, como todo bom orientador, estava num congresso em Recife, uma conferência em Assunção, uma temporada na Libéria ou em qualquer local fora do mapa.

Levantaram-se. Abraçaram-se, mais sem sentido ainda. Não trocaram telefones. Desejaram-se “tudo de bom”.

Ele subiu até o quarto andar. Sentou-se num banco, colocou o estojo no colo, foi invadido por memórias e outros perigos. Abriu o estojo calmamente e... estava tudo lá. Exceto a caneta do avô. Tudo, menos ela. Parou. Um súbito misto de dor e de raiva. Subiu pelas narinas o cheiro do abraço da moça que havia ficado represado pela repulsa. Sentiu-se violado. Tanto pelo sujeito que abriu o estojo, analisou o conteúdo e escolheu a dedo o que levar, quanto pela vida que veio sem freio e levou aquela Joana de cheiro de tangerina para os submundos da lembrança remota e deixou no lugar aquela mulher de gestos programados e perfume doce todo errado.

Percebeu que existem coisas que é melhor a gente não encontrar nunca mais. Porque viver de lembranças costuma ser menos ruim do que os novos ares que muitas vezes o presente traz.

The image shows the words "Querido Oswaldo" written in a bold, cursive, handwritten style. The ink is black and there are several small dots and splatters around the text, giving it a raw, expressive feel. The text is slanted slightly to the right.

Querido Oswaldo,

Não pense que estas palavras são fáceis para mim. É um momento duro, mas que preciso encarar. Opto por escrever uma carta, pois não sou forte o suficiente para te dizer isso cara a cara. Por favor, não pense que não faço isso pessoalmente por causa dos seus problemas gástricos que te deixam com aqueles problemas de mau hálito. Não. Você sabe que não tenho nenhum problema com isso. Nem com a sua língua presa que te faz cuspir um pouco quando fala. Mesmo. A questão é outra.

Venho te dizer que nossa relação mudou muito. Nós dois sabemos disso. Claro que isso não tem nada a ver com sua disfunção erétil, nem com o fato de ter ganhado vinte e cinco quilos desde que nos conhecemos. Sempre gostei de você por aquilo que você é por dentro (mesmo que você não goste de crianças e de animais nem se interesse por arte, sempre soube que seu coração vale ouro – mesmo com a ponte de safena).

Tenho muito apreço pela sua família. Sua mãe nunca me aceitou muito bem, mas as coisas estavam melhorando. No meu último aniversário, ela me mandou uma conserva de pimentões. Estava fora do prazo de validade havia dois anos, mas o importante é a intenção.

Mas, sabe? Estou num momento difícil, no qual preciso me encontrar. Não que você atrapalhe, pois você sabe que eu sempre adorei ficar com seus quatro filhos do primeiro casamento enquanto você ia ao estádio ou relaxar um pouco no bar com os amigos, mas ando precisando de um tempo pra mim.

A última coisa que quero fazer é te magoar. Não pense que isso é algum tipo de retaliação por causa daquele dia em que te flagrei na cama com o zelador do seu prédio. Essas coisas acontecem com todo casal... Mas realmente preciso de um momento meu. Pois, se fosse para estar com alguém, esse alguém seria mesmo você.

Você é um homem incrível. O desemprego não é sua culpa, o país está em crise. A calvície tem seu charme, e adoro seus óculos de lentes grossas (de toda forma, tente levá-los para o conserto, aquele durex na haste já está amarelado). Qualquer mulher pode ser feliz ao seu lado.

Me desculpe mais uma vez, o problema não é você, sou eu.

Com carinho,
Vanessa

urina

A quem escolhe o nome das coisas, falta um bocado de bom senso. Há nomes redondamente equivocados: nomes bonitos para coisas feias, nomes feios para coisas bonitas.

“Borboleta” é um bom exemplo. Palavra que não tem nada de leve, nada de suave. “Borboleta” devia ser o nome de alguma coisa que se usa nas obras, pra apoiar os andaimes. Andaimes, por sinal, que não andam. Aliás, andar é tudo o que eles não podem fazer.

“Fronha” também é péssimo. Quem quer encostar a cara numa fronha? Seria muito melhor deitar na filipina, na filigrana.

“Meia”. “Meia”? Não só não é meia, nem é só inteira. São duas inteiras. Um par de inteiras, não um par de meias.

Mas nenhuma escolha foi mais infeliz que “urina”.

Urina. Repita: urina. Em voz alta: urina.

Urina é lindo! Urina não podia ser resíduo, excremento! Não!

Urina... Urina soa como pequenos cristais arrastados pela brisa.

Marina que veio de Urano. E que ri.

Ri a menina Urina.

Quem escolheu o nome das coisas me roubou a Urina.

Filha de olhinhos apertados por bochechas coradas, cor de sol.

Me roubou essa menina, Urina, luz dos meus olhos.

Urina. Urina. Pequenos cristais que se afastam.

Adeus, Urina, pequenina que nunca terei.

descarte

Mão organizada por naipes de cores intercaladas.

Ao menos isso estava em ordem.

Copas, paus, ouros, espadas. Trinta e nove minutos de jogo.

Entre uma jogada e outra, ela se perguntava que rumo era aquele que sua vida estava tomando.

Até o jogo se ajeitava em menos de uma hora. E ela, nada.

Havia cinco rodadas que segurava aquela dama de paus.

Era a canastra limpa da outra dupla.

Já seus enroscos, segurava do jeito que podia. Não sabia se por amor, por medo, por vício.

Comprou uma dama de copas. Já tinha o valete na mão. Na mesa, cinco, seis, sete, oito, nove. Mas o dez... O dez, nada.

Ficou segurando o casal. Segurar o casal. Ela sabia como era. Segurar sem muita certeza de que em algum momento aquilo realmente faria algum sentido.

Tinha um coringa. Descartar um coringa é sacrilégio. Quem dera fosse assim só nas cartas. Sempre nos faltará coragem para descartar um coringa.

Ela estava cansada. Cansada de comprar, analisar, acomodar. Cansada de segurar o que não lhe servia só para que ninguém comprasse seu lixo.

A mão estava cheia, e isso não significava que nada estivesse minimamente preenchido.

Comprou de novo. Outra dama. De copas. Não sei pra que tanto coração. Tanta mulher com coração. Não sei pra quê.

Duas rodadas depois, encaixou um sete besta ali, um quatro de ouros lá.

Tá cheio de sete besta por aí.

Uma rodada depois, cansou de esperar o dez. Tem muito dez que nunca vem.

Baixou três damas em lavadeira.

Juntou o coringa com o valete, depois do nove.

Descartou um rei de paus. Há uma certa dignidade no descarte de um rei.

Bateu.

Canastra suja não ganha jogo?

Ainda ia pegar o morto.

Volta ou outra, o morto é mais interessante do que aquilo que a gente tem na mão.

tem lazanha no céu, nega?

Esse mês, faz oito anos que você morreu.

Que ideia, Nega! Puta merda! A gente nem tinha feito aquela viagem das amigas e você me vai, pega e morre. Que porcaria para fazer em pleno domingo!

Enfim, isso já te falei várias vezes, mas você nunca mudou de ideia e voltou, o que me leva a acreditar que o céu deve mesmo ser bacana.

Aliás, vira e mexe eu te pergunto umas coisas.

Se devia investir nessa relação com o bonitão que conheci no Natal, se vai dar muito errado se eu pedir demissão do emprego, se devo ou não devo comprar o jeans de cintura alta (você me traumatizou duplamente naquele fim de semana de abril de 2007 – um porque morreu, dois porque na sexta-feira eu te mostrei meu jeans novo e você falou que era “ok, mas tinha um quê de baile funk”).

Às vezes até acho que você responde. Tento interpretar sonhos, fico achando que no metrô tinha alguém com seu perfume, reparo que na primeira página do jornal posso encontrar, espalhadas, as letras que formam seu nome. Acho que são sinais, só não sei do quê.

Mas outras vezes acho que você não tá nem aí com a piciroca. Tipo aquelas vezes em que a gente vai para uma praia paradisíaca com um novo paquera maravilhoso e simplesmente

desencana de todo mundo? Amigos, chefe, contador. E-mail, WhatsApp, carta na garrafa.

Às vezes acho que tá tão da hora aí no céu que você só dá uma olhada na gente de vez em quando, vê que tá tudo sob controle (ou pelo menos ok, que nem a minha calça) e continua aí sassaricando e tal.

Mas, sério, me bateu uma preocupação. A gente precisa conversar sobre um assunto sério. E dessa vez você precisa responder. Eu andei perdendo o sono por causa desse negócio. A gente precisa conversar sobre lasanha, Nega.

Era nosso melhor programa de noite de inverno: filme repetido e lasanha congelada. A vida fazia tanto sentido, e você me aprontou essa de morrer. Mas agora eu preciso saber. Me fala: tem lasanha no céu, Preta?

É sério. Eu me viro com os romances, as crises na carreira e na família, tudo bem, mas não posso ficar com essa angústia. Sem saber se tem ou não tem lasanha no céu, não dá pra estabelecer quanto medo tenho da morte.

Sério mesmo, eu preciso de uma resposta sua. Vou esperar e sei que você não me decepcionará. Já me basta ter morrido.

O AMOR

NAS

datas

te encontro numa
esquina munda
de carnaval



(cheiro de cerveja e xixi no chão, mais conhecido como carnaval delícia)

Empresta o espelho? Nossa. O cabelo já era. HAHA. (*hic, solução alto*) Escuta, aquele cara de laranja... laranja meio cor de... não sei, laranja mesmo, não lembra o Pedro? (*hic, solução*) Pedro Toscano Albuquerque (*hic*) Fiz três, trêsssss anos de terapia por causa daquele imbecil que me desequil... Ó lá, ó lá o cara da cerveja! Ol! Ol! MOÇO! (*hic*) Faz 3 por 5? Aqui. Essa tá mais gelada. Então, parece, né? Mas não é ele, né? AMIGA, FALA QUE NÃO É ELE. (*hic, hic*) É ele. É ele. Não acredito. Putamerdatputaquepariuaimeducaralho. Respira, respira. Xixi. Tenho que fazer xixi. (*hic*) Esse imbecil não vai estragar meu carnaval! NÃO VAI. Eu superei. SUPEREI. (*hic*) Su-pe-rei. Haha. Será que o Super Ei é parente do Super Man? HAHA (*hic*) Que ódio. Ele nunca gostou de carnaval. Depois do xixi, eu vou lá falar com ele. Falar umas verdades. Ou não. (*hic*) Onde é o xixi, hein? Tomara que ele enfie o pé no bueiro. HAHA. (*hic*) Vem comigo, vai. Rapidinho, rapidinho. Vamos. Minha terapeuta dizia que... Olhaaaa! Pasteeeeeeel! (*hic*) Depois do xixi, pastel. Pasteeeeel hahahaha. Pastel é prioridade na vida. Só perde pro xixi. Prioridaaaaaaaaades. (*hic*) A vida é feita de prioridades. Pedro Toscão Albuquerque não é prioridade. Xixiiiiiiii. Pasteeeeeeeeel. Carnavaaaaaaal.

o dia do (SUPoSTo) fim

- Pode falar. Você não falou que queria conversar? Tô ouvindo.
- Linda, não fala assim. Calma.
- Tô calma. Fala.
- Bom... Você sabe que não tá fácil. A distância, as viagens, as brigas por telefone. A gente não tá se entendendo, Ju.
- Ahn.
- E eu não quero que a gente passe por isso. Não quero que a gente fique se magoando, se ferindo. Não quero te ver mal, chorando a cada despedida.
- Hum.
- Não faz sentido continuar insistindo numa dinâmica que não está funcionando. Você não acha?
- Eu não acho nada.
- Mas você não concorda comigo que está sendo desgastante?
- (Ela deu de ombros.)
- Ju, você não fala nada?

– Eu, não. Quem queria falar era você, não eu.

– ...tá certo. É isso. Não quero mais que a gente se machuque. Não quero mais te ver chorar, nem me sentir como venho me sentindo.

– E então?

– Então o quê?

– O que você decidiu?

– Ju, você sabe...

– Fala, Mateus.

– ...vamos terminar, Ju?

– Não.

– Oi?

– Não.

– Como assim?

– Ué, não acho uma boa ideia.

– Ju, não é questão de ser boa ou má ideia... Eu tô terminando com você.

– Eu sei. E eu tô dizendo que não topo.

– Por que você “não topa”, Julia?

– Porque acho seus argumentos fracos.

– Era o que me faltava.

– Eu que o diga. Você faz todo esse auê e tenta terminar comigo com esse discursinho besta?

– ...e quais seriam os argumentos certos pra você, Julia?

– Vários. Você dizer que não me ama mais. Que se apaixonou por outra pessoa. Que é gay. Que vai virar padre. Que descobriu que nós somos irmãos.

– Ahn.

– Mas esse papinho de “não quero que a gente se magoe, não quero te ver chorar”... Ah, Mateus, pelo amor de Deus, né?

– E então?

– E então, não. Não aceito esse término. Me dá um argumento bom, e eu aceito. Mas essa porcaria, não. Diz que não me ama! Diz que tem um caso! Diz que é boiola! Diz!

– Não.

– Então pronto. Acabou a conversa.

– Ju...

– Que foi?
– Não é assim...
– Claro que é assim. Você falou, eu ouvi, respondi e você não treplicou.

– Sim, porque eu já tinha dito o que tinha pra dizer.

– Tá vendo? Sua tese é muito fraca! Não resistiu a um único embate!

(Rindo.)

– Meus sentimentos agora são uma tese?

– Não. O que você falou não tem nada a ver com sentimento. É uma tentativa de ser racional. Tentativa péssima, por sinal. E, se é pra ser racional, tem que ter base.

– Ai, cacete...

– Que foi?

– Eu nunca devia ter me envolvido com uma advogada.

– Não mesmo. Agora já era.

– Já era.

– Te amo, idiota.

– Te amo, trapaceira.

Estão juntos até hoje.

os meses

Me deparei com você
Da forma mais inesperada
Na hora mais errada.
Morri de medo.
Guardei segredo.
E chorei, às vezes.
Tive medo dos meses.
Eu me culpei.
Surtei.
Evitei o quanto pude.
Programei as atitudes.
E deu tudo tão errado.
Meus passos calculados.
Meu zelo, meu cuidado.
Meu medo guardado.
Até que joguei tudo pro alto
Tomei minha vida de assalto
Arrisquei viver
E ser. Não ser.
Porque uma hora
(simplesmente)
Deu medo de morrer.
Sem chorar, sem doer

Sem tentar, sem saber.

um feliz
aniversário
e que você
vá à Mekka

Raquel: Alô?

Breno: Tudo bem?

Raquel: Tudo, e você?

Breno: Também. Parabéns. Tudo de bom.

Raquel: Obrigada. Obrigada por ligar.

Breno: Já que você não ligou no meu...

Raquel: ...você sabe. Era muito recente.

Breno: E você "não quis me aborrecer".

Raquel: Já tínhamos conversado sobre isso. Ligou para ficar me culpando?

Breno: Tem razão. Não liguei para te culpar. Liguei para te desejar um feliz aniversário. E pra te mandar à merda.

Raquel: Oi?

Breno: À merda.

Raquel: Tá falando sério?

Breno: Depois de oito meses, estou.

Raquel: Não entendi. Achei que estava tudo bem.

Breno: Está tudo ótimo. Tudo perfeito. Do jeito que VOCÊ decidiu. VOCÊ quis. VOCÊ impôs.

Raquel: ...realmente achei que você estava ok com isso.

Breno: E estou. Tô na boa. Tô okzaço. Só ficou faltando dizer isso.

Raquel: Isso?

Breno: Isso. Que eu fui muito gente fina. Falei que entendia, que tudo bem, que esperava que pudéssemos manter uma relação decente, que o tempo cuidaria de mim. Essa baboseira toda. Mas esqueci de te mandar à merda. Então aproveitei a ligação para mandar.

Raquel: Pra me mandar à merda?

Breno: É.

Raquel: Tá certo. Se sente melhor?

Breno: Não. Não é para me sentir melhor. É só pra te mandar à merda mesmo.

Raquel: Ok.

Breno: Então aproveite seu dia.

Raquel: Obrigada.

Breno: De nada. Falou.

Correio elegante

Junho de 1999. Festa junina. Friozinho. Cheiro de pinhão.

– Oi. Queria mandar um correio elegante pra uma menina da minha classe.

– Sim. São cinquenta centavos. Uma ficha azul.

Destacou a ficha com as mãos gordinhas.

– Aqui.

– Pode ditar o texto.

– Tá. É... “Flávia. Você é a menina mais bonita da minha vida. Mais bonita até que a Mili das Chiquititas. Eu te amo. Assinado: Anônimo”.

– Certo. Agora me mostra a Flávia pra eu poder entregar.

– Tá. Tá vendo a barraca da pescaria?

– A-hã.

– Então. Ali na frente não tem uma menina alta?

– Hum... Eu só tô vendo uma baixinha.

– Não, ela é aquela alta, com um vestido bonito.

– Alta com vestido bonito? Não tô vendo. Só vejo uma baixinha com um vestido de estampa feia de floresta.

– Ela é a alta, meio magra, com vestido bonito e cabelo dourado.

– Meio magra? Não tem nenhuma.

– É, não muito magra. Meio normal. Mas linda.

– Tem uma moça linda na frente da barraca da pipoca.

– Não. É na pescaria mesmo.

– Gente... onde?! Tem um grupo de rapazes, duas velhinhas e uma menina de um metro e cinquenta, gordinha, com o vestido estranho.

– Ela é a que está comendo um cachorro-quente e segurando dois pastéis. Viu?

– ... a... ahn... então é a gordinha?

– Pode ser. Meio gordinha, mas muito bonita. Muito.

– Tá certo. Tem razão. Eu entrego.

– Tá.

O AMOR

NOS

privatos

tarde
tatin
à paris

Paris, meados de junho.

Ela caminhava fingindo pressa com suas sapatilhas cor de rato para a aula do *monsieur* Jean-Baptiste Gautier (figura que oscilava entre o peculiar e o assustador, com sua caligrafia de incrível homogeneidade e exercícios de gramática cujas frases eram unanimemente extraídas de *Le rouge et le noir*, de Stendhal).

Ao longo do caminho, quase nada podia ocupar tanto seus olhos quanto a permanente lembrança dos seis andares de escada que ainda a separavam de sua tão estimada *grammaire française*. O mal de estar todo dia em uma cidade linda é que “todo dia” e “linda” nunca aprenderam a conviver na mesma frase.

Virou no Boulevard Raspail, atravessou a Rue Delambre com passinhos saltitados nos últimos metros, com medo do smart que vinha apressado, conduzido pela mulher de *chapeau beige* com ar de louca. Calçada. Voltou aos passos tão corridos quanto as horas em tarde de chuva.

Suspirou, pensando nas suas dificuldades com *l'imparfait du subjonctif* e nas dificuldades do *monsieur* Jean-Baptiste Gautier em compreender que nem todo mundo nascia *francophone* de alma.

De repente.

De repente.

De repente, não havia mais *langue française*.

Não existia mais barulho de smart.

Não existia mais cheiro de Paris.

Não existia mais escada de madeira rangendo seus minutos de atraso.

O mundo silenciou quando ela a viu: a redonda e incrivelmente brilhante *tarte tatin*.

Nada mais existia além das gordas fatias de maçã assada. E da cor do açúcar transformado em caramelo. E de cada uma das camadas da massa folhada onde repousava recheio tão abençoado numa manhã de quinta-feira.

Com os olhos parados, imaginava o som das maçãs entre seus dentes e o tato das migalhas da massa folhada que sobriariam nos cantos da boca depois da primeira mordida. Mas nada era mais forte do que o cheiro que ela sentia (não com o nariz, mas com os olhos), que não era da maçã, nem do caramelo, nem da massa. Era cheiro de segundos lentos dissolvidos nas papilas gustativas.

De fato, ela não via, nem ouvia, nem percebia nada além da torta. Nem mesmo a mão que a segurava. Mão de dedos longos, mão quase magra, que saía de um blazer verde-escuro de linho. Nem no Ray-Ban Wayfarer (escondendo olhos verde-escuros na pele morena) harmônico com a barba grossa. Nem nos tênis improváveis que coroavam de ponta-cabeça aquela imagem semidivinal.

Nada, nada além da visão da torta e olfato e paladar e audição e tato imaginários.

Ela não o viu. Mas ele viu as sapatilhas cor de rato que saltitaram, as pernas bem menos finas que seus dedos, o vestido florido de algodão, a bolsa marrom de alça longa pendurada no ombro e o cabelo claro e liso preso num coque apressado que desmontara em parte na tal fuga do smart.

Mas, mais do que tudo, ele acompanhou seus olhos, cuja cor ficava entre o caramelo que cobria a maçã e a bolsa de carteiro que repousava em seu ombro. Olhos esses que se fixaram em sua torta havia quase meio minuto. Ele estava parado e ela andava quase sem avançar, até que chegou.

Ele não tinha opção. Fosse pelo amor repentino entre a moça e a torta ou pelo talvez quase amor repentino entre ele e a mecha de cabelo que balançava, batendo no ombro branco. Esticou o braço exatamente quando ela chegou, oferecendo-lhe em silêncio a torta que, por sorte ou azar, nem tivera tempo de provar.

Foi quando ela voltou à Terra. Barulho dos carros, cheiros, horários, Jean-Baptiste Gautier e... ele. Caos. A torta, o braço esticado, a cara certamente linda por trás dos óculos. No segundo seguinte, percebeu o constrangimento de ter, sem

querer, desejado tanto a torta a ponto de o próprio dono saber que ela a merecia mais do que ele.

Baixou os olhos. Riu devagar. Ele já ria fazia tempo. Ela agradeceu, fazendo sinal de que não. Ele insistiu. Ela se manteve firme. Ele perguntou “*peut être la prochaine?*” ou, no idioma dela, “talvez a próxima?”. Ela “*peut être... peut être*”. Sorriu e foi ao encontro do subjuntivo nas linhas de Stendhal, sem torta nas mãos, mas com algo a mais nos olhos. Virou a cabeça para trás, e ele ainda estava lá. Talvez estivesse também na próxima quinta. De preferência, com duas tortas dessa vez.

prazeres

Gema do ovo frito recém-estourada invadindo o arroz branquinho
Batatinha de *drive thru* roubada do saco marrom durante o
caminho
Gratinado da lasanha que ficou grudado no cantinho da
assadeira
Carne vermelha boa se afogando em molho madeira
Fio de queijo que estica por meio metro ao morder o pastel
Doce de leite recheando duas camadas grossas de pão de mel
Primeiro gole de cerveja em fim de semana de 32 graus
Pãozinho quente mergulhado em azeite bom e bastante sal
Hambúrguer gordo pingando maionese verde no chão
Picolé Chicabon na padaria em tarde boa de verão
Chocolate ao leite que ficou meia hora no carro quente
Depois de cinco dias de gripe, o primeiro sabor que se sente
Fatia grossa de cupim cortado na churrascaria
Chupar caroço de manga em cima da pia.

procura-se um
amor que
goste de
cebola

PROCURA-SE

Pessoa para relacionamento afetivo, preferencialmente do sexo masculino e solteira. Não há restrições quanto às características físicas nem à formação profissional. De preferência, alguém que não tenha muitas dívidas nem use drogas sintéticas. Pede-se que não tenha mais de quatro filhos. A única exigência – absolutamente inegociável – é que goste de cebola. É importante frisar que gostar não é tolerar, gostar não é suportar, gostar não é simplesmente comer. Procura-se alguém que efetivamente goste de cebola. Goste sinceramente de cebola. Que goste de cebola mais do que de 30% de seus familiares. Que pique cebolas sem frescura, que vá ao delírio com seu cheiro refogando, que coma crua, caramelada, em conserva. Alguém que ache que a cebola foi uma das criações mais divinas de Deus. Se for ateu, que acredite que a cebola está quase no auge do processo evolutivo, no mesmo patamar dos macacos. Alguém que entenda que a cebola em casa é um item

básico de sobrevivência, equivalente ao papel higiênico. Procura-se um amor que goste de cebola. Procura-se um amor compartilhado por cebola.

é o puto creme do milho

Quando ela disse que iria se casar com José Paulino, o filho do Antenor do açougue, o irmão caçula desacreditou. “O Zé Pamonha?! Mas ele é o maior babaca do bairro!” A mãe disse que ele ficasse quieto, por mais que ela soubesse que a razão estava com o menino.

Assim foi. Casou-se. Teve, dois anos depois, o inevitável José Paulino Filho e, depois, a Teresinha, que não herdou o nome, mas herdou os olhos sonsos do pai. O marido era aquilo mesmo. Falava pouco, limitava-se a pagar as contas e a lembrar-se, por vezes vagamente, que era casado com aquela mulher que se tornara insípida como ele. Não mostrava grandes indícios de afeto pela tal família que os anos colocaram dentro da sua casa.

Mas ele não era de todo mau, era só um pamonha mesmo. Aspecto amarelado, não muito saudável, textura quase gelatinosa.

Ela sabia disso desde antes da sinceridade do irmão. Fez sua escolha consciente, daí o fato de nunca ter se decepcionado. A não ser por uma única causa: o marido nunca a chamava. Nem por Rosa, nem por “mulher”, nem por “esposa”, nem por “ô”. Ele tinha o estranho hábito de sempre dirigir-se às pessoas com uma frase direta, sem nenhuma introdução.

Os dois pequenos pamonhas, para profunda tristeza da mãe, cresceram com o mesmo hábito do pai. Não gritavam “mãe” pela casa. Iam até ela e pediam, diretamente, leite, colo, bolinhos de chuva, ajuda com o dever de casa.

Ela nunca foi sonhadora, nunca deixou que os pensamentos voassem, mas criou sem querer a triste esperança de um dia ser chamada outra vez, o que não acontecia desde a morte dos pais e da mudança dos irmãos para o Paraguai. Por vezes, sonhava com uma voz de homem que chamava por dezenas de nomes de mulher, exceto por Rosa.

Já haviam se passado trinta e cinco anos desde o dia em que dissera “sim” ao pamonha. Os filhos já haviam tomado seus rumos, e ele assistia a um leilão de gado na televisão. Foi quando ela ouviu, distante: “Pamonha, pamonha, pamonha”. Parecia piada de mau gosto da vida. “Temos curau e pamonha”, bradava o alto-falante da Kombi que se arrastava pela rua das Bromélias.

Foi quando aconteceu.

“Venha provar, minha senhora, é o puro creme do milho!”

O coração de Rosa veio à boca. “Venha.” “Minha senhora.” Depois de tantos anos, alguém chamava por ela. Foi quase como um enfarto.

Correu à cozinha, com dificuldade para respirar. Agarrou o porta-moedas. Saiu para a rua sem nem ouvir a voz do marido. “Temos curau e pamonha.”

Parou em frente ao carro sem entender bem o que sentia, com o porta-moedas em frente ao peito. O homem magro de camiseta branca perguntou: “É curau ou pamonha, dona?”.

Não teve dúvidas, por mais que nunca tivesse provado.

“É curau.”

Voltou para a cozinha segurando o pote de plástico morno nas mãos trêmulas. Nunca poderia explicar a sensação daqueles minutos. Sentou-se. Pegou uma colher na gaveta. Olhou o creme de amarelo suave, polvilhado por canela. Suspirou. Mergulhou a colher, levando-a rapidamente à boca.

Os sentimentos inexplicáveis intensificaram-se. Fechou os olhos. Permaneceu assim não soube por quanto tempo, talvez

vinte segundos, talvez quatro anos. Os olhos fechados, o creme doce na boca. E então finalmente entendeu.

Era o curau que ela esperava havia tantos anos. Era aquele sabor que faltava nos seus dias. E percebeu, por fim, que quem nasceu para o curau nunca seria, verdadeiramente, de um pamonha.

eu, você e um
sanduíche
de peknin

Ofereçam-me
Luxo.
Notas de carvalho.
Earl Grey.
Cruzeiro no verão.
Convites globais
Jamón serrano
Castelo de *Caras*
Almoço no Costes
Mar Mediterrâneo
Esqui em Aspen
Jantar no Dom
Parrilla com tango
Barca Velha
Dom Perignon

Mikonos
Pôr do sol de Cartagena
Mi dispiace.
Hoje dispenso.
Não posso.
Não dá.

Porque hoje só quero
Eu, você e um sanduíche de pernil
Num degrau empoeirado do Mercado
(50% porque te amo, 50% porque aquele sanduíche de pernil é
mesmo
sacanagem)

O AMOR
NOS

Objetos

tapetinho

Comprei um tapetinho pro seu banheiro

Calma

Não precisa assustar

Ele não vem acompanhado de um pacto antenupcial

Nem de promessas verdadeiras

É só um tapetinho bege

Sem intenções veladas

Sem discurso subentendido

É só porque

O piso é gelado

E ando dormindo aí umas tantas noites

Nas quais faço xixi de madrugada

No frio do escuro

E corro pra lá depois de estragos

Seus

E escovo os dentes com aquela camisola

Estampadinha

Que acabei deixando aí

Também

Fica tranquilo

Que eu tenho casa boa

Emprego escolhido

Amor-próprio

E pavor de decisões antecipadas
Mais até do que você
Relaxa
É só um tapete
Barato e oportuno
Não precisa ter medo
Porque eu não preciso ficar
Aí
Mas gosto de ficar
Aí
E quero continuar gostando
Daí
Enquanto seus olhos
Mostrarem que é melhor
Quando estou
Na cama
Nas noites boas
Na cozinha olhando a geladeira
Na madrugada
No sofá manchado com o controle
No domingo
No chão quando tem resto de sol
No fim da tarde
E
No banheiro
Que agora tem um
Tapetinho
Bege

papa que
se vive um
terço?

O professor Teodoro não era católico, embora batizado. Até quis fazer primeira comunhão quando, aos nove anos, ouviu os amigos falarem sobre isso, mas a mãe lhe disse que era melhor ir pra capoeira. Gente fina, a Dona Neide.

Não só não era católico como andava puto da vida com aquelas discussões *vintage* sobre a formação tradicional da família, sobre o direito à vida a qualquer custo, sobre a legalidade divina dos métodos anticoncepcionais. Andava bem puto, por sinal, com aquele papa, aquela igreja, aquilo tudo.

Teodoro era tão polêmico quanto querido. Professor de Comunicação em uma pequena faculdade no Rio, criava laços com os alunos que não se desatavam nem quando dava enrosco. Era aquele tipo de professor de quem os alunos se lembravam até mesmo nos momentos bons.

Entre as dezenas de presentes deliciosamente óbvios que recebia – chocolates, espumas de barbear, canetas, penca de bananas, meias, régua, paninhos de limpar óculos –, um dia recebeu o inesperado. O aluno deu-lhe um saquinho marrom de

veludo, onde pôde encontrar um terço de madeira. Jamais reagiria mal. Disse “pô, que bonito, João! Valeu mesmo!”.

No fim da noite, chegou ao seu Ford Ka 2002, tão harmônico com seu salário de professor, sentou-se, tirou o terço do bolso e ficou em silêncio, observando-o um tanto acuado. Não sabia mesmo o que fazer com aquilo. Pensou em dar para a Tia Dulce. Desistiu. Achou melhor jogar fora, era mais honesto. Com ele, com o João, com o catolicismo. Aquele símbolo não cabia em sua casa.

Já estava decidido, enquanto dirigia na noite de garoa, quando começou a pensar no aluno. Lembrou que todo dia, durante a chamada, João ia saindo logo após ser chamado e dizia “boa noite, professor, vá com Deus” por cima de sua voz que seguia na lista: “Juliana Braga, Juliana Silva, Laércio, Laísa...”. Lembrou que, quando deixou de ir dar aula dois dias para acompanhar a mãe no hospital, João lhe mandou um e-mail dizendo que estava orando pela saúde dela.

Lembrou do sorriso sincero, dos pedidos de desculpas quando chegava atrasado, do ar compenetrado copiando seus garranchos da lousa, esforço em dobro atravessando as lentes grossas dos óculos.

Teodoro continuava detestando a igreja. E continuava lembrando do João, só com coisas boas. E percebeu que naquele terço tinha bem mais João do que igreja. Talvez quase nada de doutrina católica e quase tudo de intenção do João.

Parou no farol, olhou para o terço outra vez. Abriu o porta-luvas, acomodou o terço no cantinho, fechou o compartimento, engatou a primeira, seguiu para casa.

Chegou seguro. Seguro permaneceu.

hoje
não, eu
vim sem
dentadura

Era uma vez uma mulher
Baiana
Preta
Analfabeta
Mãe solteira
Sem dentes
Com câncer
Nenhum erro
Nenhum embaraço
Isso tudo é ela
Ela, que me ensinou a amar quem não escolhi
Como ela não me escolheu
E me tornei dela para sempre
Ela que me ensinou
A amar seu sotaque
A amar seu cheiro
A amar gente com seu cheiro
A tentar ensinar a ler
A tentar ensinar o nada que sei
E a aprender tudo que os livros não trazem
E que a vida despeja na cabeça de quem vive
Ela que me ensinou
Como se cria um filho
Do jeito que dá
E como se cria tanta coragem
Para acordar todo dia
Ela, que tantas vezes
Esquecia a dentadura
E que ficou doente
Como se já não bastasse a vida
Ela
Que me fez entender a dor da impotência
Descobrir as ruas do Paraísopolis
E que casa é casa, não medo
Que a vida não é justa
E que o único sentido

Nesse mundão de Deus
É o amor que a gente planta
Ela
Que ao me ouvir chorar perguntava
“Tu é mulher ou é um saco de batata?”
Há boatos de que sou mulher
Mulher que um dia pediu
“Uma foto, hoje, por favor”
E ouviu
“Hoje não, eu vim sem dentadura”
E que olhou para ela
Disfarçando olhos marejados
E disse a frase mais verdadeira da vida toda
“Você tá linda assim”

quadro de Carreira

M: Olha, a gente precisa conversar. Já estamos juntos há um ano e meio, tá na hora de dar um rumo pra isso.

H: Caramba, Marcela. Pé no peito assim?

M: Que “pé no peito”, Hugo? Para de viadagem.

H: Mas você pensou em alguma coisa?

M: Pensei. Pensei em casar.

H (pausa): Casar, casar? De papel passado?

M: Claro, né, Hugo. Senão não é casar.

H: ...

M: Mas tem umas regras que eu queria deixar claras.

H: Tem?

M: Tem. Hugo, você sabe que eu gosto de mulher.

H: Quê?

M: Mulher, ué.

H: Gosta de mulher?

M: Ah, Hugo, me poupe. Todo mundo sabe que eu sou do babado.

H: Peraí, Marcela. Que brincadeira é essa?

M: Tô falando, meu Deus. Então, o esquema seria o seguinte: a gente casa com tudo que tem direito, convite com o nome do seu pai *in memorian*, igreja, festa grande, aquelas bandas que a cantora não sabe falar inglês, lua de mel. Depois volta, tem apartamento, filho, labrador etc. Mas eu vou ter minhas mulheres. Não vou trazer em casa, nem nada. Mas vou ter e não quero esconder nada.

H: Marcela.

M: Oi?

H: Marcela. Calma aí.

M: Tô calma, meu Deus.

H: Marcela. Pra que você quer casar?

M: Que pergunta, Hugo! Pra que eu quero casar? Como se você não soubesse! Por causa do banco, claro! Essa coisa de executiva bem-sucedida focada 100% no trabalho tá supercaída. Agora eles querem executivas focadas 80% no trabalho, 10% na família e 10% na boa forma. Veio nas novas diretrizes do banco, lá de Boston. Eles frisam inclusive a questão do labrador. Não pode ser outra raça, segundo o quadro de carreira.

H: Mas você gosta de mulher.

M: Pra cacete.

H: Mas quer casar comigo.

M: Muito.

H: Tá.

M: Isso é um sim?

H: Não.

M: É um não?

H: Caralho, Marcela! Dá um tempo!

M: Tá. Pense. Mas é uma ótima oportunidade.

(Três minutos de silêncio.)

H: Eu vou poder ser seu dependente no plano de saúde?

M: ... vai.

H: E fazer exame naquele seu laboratório na Avenida Brasil?

M: Vai.

H: Caralho.

M: Que foi?

H: O lanchinho lá é ilimitado.

M: E tem *mocaccino*.

H: Fechado.

pega lá
uma
chave de
fenda

Domingo. Chegaram, pai e filha, da loja de móveis meia-boca com a escrivaninha branca que ela dizia ser a mágica solução para passar no vestibular de Medicina.

Sentaram-se no chão, abriram a caixa, separaram os parafusos, as peças que pareciam ser todas iguais e um folheto que fingia explicar a montagem.

Ele, como bom pai, ignorava o folheto e começava a montar o móvel sem nenhum bom senso. A menina perguntou se o tampo da mesa não deveria ser o último. Ele percebeu que ela tinha razão e disse que só pegou “pra olhar um negócio”.

Virou-se para a filha e falou:

– Lu, vai lá na lavanderia, abre a caixa de ferramentas e pega lá uma chave de fenda pra a gente.

Ela gostava daquele “pra a gente”. Foi. Abriu a caixa com alguma dificuldade, pegou, voltou e se jogou no chão ao lado dele.

– Não, filha. Isso é uma chave-inglesa. Troca lá, a chave de fenda tem o cabo amarelo.

Deu uma suspiradinha, foi de novo, voltou, colocou a ferramenta na frente do pai.

– Luísa, isso é um alicate.

– Caramba, mas você que falou que era a do cabo amarelo.

– Caramba, mas confundir uma chave de fenda com um alicate é que nem confundir tremoço com salame. Troca lá.

Bufou. Levantou e saiu andando com o vestido rendado, dando passos bravos como só as mulheres sabem dar. Gritou da lavanderia:

– Não tem mais nada de cabo amarelo aqui!

– Quê?

(Homens têm cerca de 70% da capacidade auditiva reduzida quando estão concentrados em alguma coisa.)

– Não tem mais nada amarelo, pai, só a trena!

– Vem cá, então!

Voltou irritada, com a testa franzida, igualzinha à mãe, já metralhando no caminho:

– Por que você não levanta e vai? A culpa deve ser dessa sua barriga imensa! A mamãe sempre fala pra você voltar pra natação, mas você não ouve!

– Me ouve, Luísa. Eu preciso apertar esse parafuso. Procura na caixa a única ferramenta que tem uma ponta que se encaixa nessa fenda aqui e que depois a gente gira para o parafuso ir afundando.

– Pai, por que que você nunca facilita pra mim? Custava você levantar e ir? É a mesma coisa que você faz com os vidros de palmito! Eu sempre te peço pra abrir, e você vem com aquela conversa de “pega uma faquinha, força a tampa e deixa o ar sair!”. Ok, funciona, mas custa me mimar um pouco, que nem os outros pais? Custa ser um pai normal?

Ele fez que não ouviu.

– Vai, filha, pega lá. Já, já começa o jogo, e hoje a gente não pode perder de jeito nenhum, que é contra o Inter, jogo de seis pontos.

– Eu sei. E o pior é que o Miranda tá suspenso.

Chegou na lavanderia. Bateu o olho na caixa. Localizou a chave de fenda de primeira. Voltou, passou-a às mãos do pai e disse:

– Isso é laranja, não amarelo.

Montaram a escrivaninha. Ficou quase boa. Assistiram ao jogo com pipoca, comemoraram o gol de falta.

Passaram-se os meses, e, de fato, ela tinha razão, era só a escrivaninha que faltava para passar no vestibular. Foi morar no interior do estado. O pai morria de orgulho e de saudades.

Um dia, à noitinha, uma das amigas com quem dividia apartamento gritou da cozinha:

– Alguma mulher forte se habilita a abrir esse vidro de palmito?

Luísa deu meio sorriso, levantou-se e foi. Não tinha erro: faquinha, ar, tampa aberta. A outra menina, surpresa, disse:

– Nossa. Nunca vi isso. Meu pai sempre me deu o vidro aberto.

E ela pensou enquanto voltava para o quarto: “O meu me deu o vidro fechado. O vidro fechado e asas”.

Table of Contents

PREFÁCIO

O AMOR NOS TROPEÇOS

Foi mal, te chamei de amor

Senha

Prenúncio

A triste história do homem que cozinhava melhor do que devia

É da casa do Andrade?

O AMOR NOS EQUÍVOCOS

Água

Teu cu

Ansiedade

O mito (Drummond bem que me avisou)

Troika

O AMOR NOS ESPAÇOS

Silêncio

Voo 2271

Quem você ama com seu carrinho de supermercado?

Coisa boa

Desembarque pelo lado esquerdo do trem

O AMOR NOS SUJEITOS

A coisa mais bonita do mundo

Otorrinolaringololinda

O livro de receitas

Tia, você é tão bonita

Oi, ex, como vai? (Versão B)

O AMOR NOS CLICHÊS

Te esperei a vida toda

Mil (ou vinte e duas) formas de te amar

Mã-nhêê

Quantos abraços cabem num prato de canja?

O pedido

O AMOR NOS TEMPOS

Amo tanto quem você era

Carta ao filho hipotético
Vem que a tarde tá caindo
Queria mesmo era um amor antiquado
Soneto das 23h30

O AMOR NAS PERDAS

A caneta do avô e o cheiro da tangerina
Querido Oswaldo
Urina
Descarte

Tem lasanha no céu, Nega?

O AMOR NAS DATAS

Te encontrei numa esquina imunda de carnaval
O dia do (suposto) fim
Os meses
Um feliz aniversário e que você vá à merda
Correio elegante

O AMOR NOS PRATOS

Tarte tatin à Paris
Prazeres
Procura-se um amor que goste de cebola
É o puro creme do milho
Eu, você e um sanduíche de pernil

O AMOR NOS OBJETOS

Tapetinho
Para que serve um terço?
Hoje não, eu vim sem dentadura
Quadro de carreira
Pega lá uma chave de fenda